

Guardião da Água

Francisco de Assis de Souza Filho

Custódio Luís Silva de Almeida
Francisco Silva Cavalcante Junior
Organizadores



**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Leonardo Osvaldo Barchini Rosa

**Universidade Federal do Ceará – UFC****Reitor**

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora

Profa. Diana Cristina Silva de Azevedo

EDITORA UFC**Diretor/Editor**

Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior

Vice-Diretora/Editora Adjunta

Profa. Juliana Cristine Diniz Campos

CONSELHO EDITORIAL**Presidente**

Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior

Conselheiras(os)

Profa. Adelaide Maria Gonçalves Pereira

Profa. Ana Fátima Carvalho Fernandes

Profa. Andréa Pinheiro Paiva Cavalcante

Profa. Áurea Silva de Holanda

Prof. Ciro Nogueira Filho

Tae. Cristiane Maria Sales Pimentel

Tae. Francisco Feitosa Moura Filho

Prof. Gilberto Gilvan Souza Oliveira

Profa. Helena Martins do Rêgo Barreto

Profa. Juliana Cristine Diniz Campos

Profa. Luciana Venâncio

Prof. Luís Gonzaga Rodrigues Filho

Profa. Maria Elias Soares

Profa. Paola Frassinetti Tôrres Ferreira da Costa

Prof. Paulo Antonio de Menezes Albuquerque

Profa. Raimunda Sâmia Nogueira Brilhante

Profa. Suzete Suzana Rocha Pitombeira

Profa. Tatiana Passos Zylberberg

Profa. Tércia Montenegro Lemos

Prof. Tiago Vieira Cavalcante

Profa. Ticianne de Góis Ribeiro Darin

Custódio Luís Silva de Almeida
Francisco Silva Cavalcante Junior
Organizadores

Á Guardiã da Água

Francisco de Assis de Souza Filho



Fortaleza, 2026

O guardião da água

© 2026 Copyright by Custódio Luís Silva de Almeida
Francisco Silva Cavalcante Junior

Todos os direitos reservados

Coordenação Editorial

Fernando Gleibe de Oliveira Junior

Revisão de Texto

Andreza Alves Queiroz

Normalização Bibliográfica

Perpétua Socorro Tavares Guimaraes

Projeto gráfico, capa, diagramação e ilustração

Karlson Gracie

Supervisão Gráfica

Moacir Ribeiro da Silva

Assistência Editorial

Emily dos Santos Correia

Este livro segue as novas
regras do acordo ortográfico
da Língua Portuguesa

Editora filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Editora UFC - Universidade Federal do Ceará

O guardião da água: Francisco de Assis de Souza Filho [livro digital] /
Organização de Custódio Luís Silva de Almeida e Francisco Silva
Cavalcante Junior. - Fortaleza: Editora UFC, 2026.
112 p. 8.210Kb: pdf
ISBN: 978-65-87371-50-4
1. Memórias (Francisco de Assis de Souza Filho) 2. Narrativas
e fatos I. Almeida, Custódio Luís Silva de II. Cavalcante Junior,
Francisco Silva III. Título

CDD: 920

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimaraes CRB 3/801-98

NOTA DOS ORGANIZADORES

Motivados pela realização da Feira Literária do Ceará, em Senador Pompeu, a terra natal de Francisco de Assis de Souza Filho, convidamos alguns de seus amigos e familiares para escreverem memórias e expressarem os seus afetos, como gesto de agradecimento por seu tempo entre nós, findado em 25 de março de 2026. A sua esperança por um mundo melhor e mais justo viverá sempre, como destacam todos que com ele convivemos ao longo dos seus 59 anos de vida.

Uma das suas grandes realizações pessoais e profissionais deu-se em dezembro de 2023, com a criação, pelo Conselho Universitário, do Centro Estratégico de Excelência em Políticas de Águas e Secas – Cepas, na Universidade Federal do Ceará, “um centro de excelência em governança e segurança hídrica e gestão proativa de secas”, como destacou no seu Memorial de promoção funcional à classe de Professor Titular. No Cepas, projetou o ideal de produção de conhecimento em rede, da ciência básica à ciência aplicada, visando à construção de equipes com abordagem transdisciplinar para a gestão da água e o enfrentamento da sua escassez.

A proposição de um novo paradigma científico para a governança dos recursos hídricos foi o seu projeto derradeiro: “Esse desafio científico propõe a construção de um arcabouço que articule a ciência pós-normal, que reconhece a incerteza estrutural e a pluralidade de saberes, com a gestão adaptativa, que privilegia a flexibilidade e o aprendizado contínuo”, escreveu no mesmo Memorial.

Assis Filho pavimentou caminhos. Agora compete às próximas gerações a sua continuidade e a redefinição da governança hídrica em contextos de alta incerteza de mudanças climáticas.

Fortaleza, maio de 2026.

Custódio Luís Silva de Almeida

Francisco Silva Cavalcante Junior

SUMÁRIO



11 Prólogo (*in memoriam*)

O OUTRO ESTÁ IMENSAMENTE EM MIM

Francisco de Assis de Souza Filho

25 JUSTIÇA E ÁGUA: IN_FLUÊNCIAS DE KAHNEMAN

André Feitosa de Sousa

30 CARTA AO AMIGO ASSIS

Áurea Silva de Holanda

34 FRANCISCO DE ASSIS DE SOUZA FILHO, O HOMEM DAS ÁGUAS ME ENSINOU A NAVEGAR PELAS ENGENHARIAS

Bernadete de Souza Porto

37 O LEGADO DO CIENTISTA DAS ÁGUAS COMO PATRIMÔNIO

César Barreira

41 JUNTOS PARA SEMPRE

Custódio Luís Silva de Almeida

51 ASSIS, MEU CAMARADA

Dimas de Oliveira Costa

A black and white photograph of a riverbank. The foreground shows a calm river reflecting the sky. The middle ground is a grassy bank with several trees, some of which are bare. The background is a cloudy sky. The text is overlaid on the left side of the image.

55 AO MEU IRMÃO DE JORNADA, ASSIS: ONDE A ÁGUA
ENCONTRA A AMIZADE

Eduardo Sávio Passos Rodrigues Martins

60 A LIÇÃO DE SERMOS FORTES

Eliseu Becco Neto

66 A ESCOLHA DO CIENTISTA

Fabio Maia Sobral

71 VIZINHOS DE CASA E DE ALMA

Francisco Silva Cavalcante Júnior

76 UMA SOCIOLOGIA DAS ÁGUAS
NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA

Irllys Barreira

80 ASSIS FILHO, CIENTISTA DAS ÁGUAS E DOS AFETOS

João Alfredo Telles Melo

85 ASSIS, FRAGOR D'ÁGUA

Jorge Soares



88 CARTA AO AMIGO-IRMÃO,
PROFETA DAS ÁGUAS, ASSIS

Newton Albuquerque

92 A GRANDEZA NA SIMPLICIDADE

Renata Mendes Luna

95 PEQUENAS REFLEXÕES SOBRE UM GRANDE HOMEM

Ticiania Marinho de Carvalho Studart

99 CAMARADA ASSIS FILHO

Zákia dos Reis Barroso

104 Posfácio

A CÁTEDRA E O SERTÃO – O MESTRE ASSIS EM CORDEL

Paola Tórres

O OUTRO ESTÁ IMENSAMENTE EM MIM

FRANCISCO DE ASSIS DE SOUZA FILHO

Estava em frente ao número 594 da rua Santos Dumont, em Senador Pompeu, Ceará. Despedia-me de forma solitária da cidade onde havia nascido dez anos antes e onde vivera até então. Era o final do ano de 1976. Meus pais resolveram mudar-se para a capital do estado, Fortaleza, para prover melhor educação para os filhos. Eu sou o filho mais velho e chegava, na avaliação deles, em um momento crítico para minha formação intelectual, indo então para a quinta série. Tínhamos uma vida simples e feliz e iríamos para uma nova experiência de cidade, motivados pela esperança de melhor educação.

Em frente à casa de número 594, que pertencia ao meu avô, olhava para os dois extremos da rua Santos Dumont e dizia para mim mesmo: “Fortaleza pode ser grande, mas não possuirá rua maior que a Santos Dumont”.

O comprimento de um pouco mais de mil metros da rua Santos Dumont, em Senador Pompeu, é uma pequena fração da sua rua homônima homógrafa em Fortaleza. No entanto, havia ali uma carga de memória e sentimento que ainda a fazem grande hoje.

Foi nesta rua que se desenvolveu, paralela ao rio Banabuiú, desde sua confluência com o rio Patu, acompanhando-o em

suas centenas de metros seguintes, que presenciei os primeiros extremos hidrológicos de secas e de cheias.

Trago na memória o comando: “Fechem as portas que os retirantes estão chegando!” Como todo menino curioso, busquei nas frestas de luz que entravam pelas persianas das portas a informação do que estava acontecendo. Vi uma multidão de miseráveis que corriam e paravam, levavam em seus braços sacos e crianças. Eles corriam e paravam, como se o impulso da urgência da fome os movesse e, no instante seguinte, parassem pela ausência de força física que os seus corpos esqueléticos já não mais possuíam. Neste movimento intermitente se deslocavam em frente à casa 594. Vestiam branco, esta é a cor desta minha memória. Hoje sei que se dirigiam ao silo de grãos que a Conab mantém até a atualidade na cidade. Hoje sei que estes são os herdeiros sociais dos retirantes do campo de concentração da seca de 1932 em Senador Pompeu. O ano do evento relatado é inexato, alguns indícios me levam a inferir que seja o ano de 1970.

O sertão vive de secas e de cheias. Havia uma determinação em minha família para as crianças não irem para a beira do rio. Diziam: “É perigoso”. Para uma criança de quase oito anos que, como eu, nunca tinha visto uma cheia, parecia normal questionar que perigo poderia haver. Pensava mais em um perigo associado à ação humana que devido a um evento natural. Aquele ano de 1974 mostraria o quão destruidor é uma cheia fluvial. A rua Santos Dumont não sofreu inundação, mas diversas ruas a ela transversais foram inundadas. Estas ruas transversais levaram a cheia a menos de dois quarteirões da casa de número 594. As notícias de pontes destruídas ou galgadas, arrombamento de reservatórios e rezes levadas pela enchente chegaram a nós.

A ocorrência da cheia não arrefeceu o ritual da busca pela chuva. A seca tem suas marcas mais profundas no coração sertanejo. No ano seguinte, continuei a acompanhar meu avô Eliseu Becco em sua caminhada para a cozinha de sua casa, onde havia um janelão com uma grade de ferro vazada que permitia visão ampla do que era próximo e do que era distante. Logo após o janelão, havia uma cisterna gigantesca e, mais distante, o horizonte celeste em direção à fazenda Amanaju. Daquele janelão, o experiente olhar anunciava qual a possibilidade de chuva, se estava ou não “bonito para chover”.

A previsão de tempo de meu avô era mais precisa que a de clima. A de tempo era fundamentada nas evidências observacionais, já a de clima tinha como ingrediente principal a esperança. Todo ano ele dizia que ia ser chuvoso, e, quando lhe perguntavam por que era sempre a mesma previsão, dizia que não iria fazer uma previsão para torcer contra. A agricultura de sequeiro é atividade de alto risco naquela região. Há de se manter a esperança em cada ano para se ter o ânimo necessário para a vida no campo e girar a Roda da Fortuna. Era da busca do ânimo e não da destreza da previsão que se tratava o ritual de esperança de meu avô.

Estes fatos não são premonitórios, fazem parte do repertório de observações, pensamentos e sentimentos que constituem quem somos. Eles tecem a memória do menino que refletia em frente à casa de número 594 e inflava o tamanho da rua Santos Dumont mesmo que ele não soubesse.

Estas lembranças são para mim muito significativas. Observando-as, poderia pensar que já aí havia vocação para a vida profissional como Engenharia de Recursos Hídricos. Esta reflexão faz emergir um amplo conjunto de outras lem-

branças da época, tão significativas e impactantes para mim como ela mesma. No entanto, estas outras lembranças não cabem neste memorial,¹ por não guardarem relação com o destino profissional deste autor. O critério para a seleção dos eventos do memorial, como já foi dito, é definido pelo fim que se deseja narrar e os fatos que constituem a memória da formação e da ação do engenheiro e professor de Recursos Hídricos. Outro destino profissional imporia à narrativa a seleção de outros eventos iniciais.



A cidade de Senador Pompeu foi relevante regionalmente com seus armazéns de algodão e mamona que concentravam a comercialização destes produtos na região do Sertão Central e do Inhamuns, sua indústria de beneficiamento de algodão e sua rede de bancos. Contingências políticas e a crise da produção do algodão levaram a cidade à decadência. A precariedade da cidade manifestou-se de forma pronunciada no sistema educacional.

Estudei em duas escolas. A primeira foi o Colégio Cristo e a segunda, o Grupo Escolar Euclides da Cunha (quarto ano primário). A primeira instituição é privada; a segunda, de ensino público. As duas estão fechadas atualmente.

1 Nota dos organizadores: Este texto é um excerto do Memorial apresentado por Francisco de Assis de Souza Filho ao Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), no dia 20 de maio de 2025, para promoção funcional à classe de Professor Titular.

Havia limitações no sistema que repercutiam na qualidade de ensino bem inferior àquela ofertada na capital. Meus pais tentaram remediar as limitações através dos ensinamentos que eles próprios me proporcionavam, em aulas por eles ministradas ou por meio de aulas particulares, algumas delas utilizando ferramentas abominadas na pedagogia da atualidade, tais como a palmatória. Havia livros em minha casa e na casa vizinha de meus avós. Meus familiares eram atualizados, gostavam de conhecimento, recitavam poesia e falavam o português em sua variedade mais prestigiada. Quando meu avô faleceu, recordo-me que estavam em seu quarto as obras completas de Cruz e Souza e as de Fernando Pessoa. Possivelmente por isto estes dois poetas me acompanharam pela vida, principalmente o segundo. Há aqui uma distinção como conceituado por Pierre Bourdieu.



A Editora Abril Cultural publicou a coleção *Os Cientistas: a grande abertura da descoberta científica*. O meu pai adquiriu vários exemplares desta coleção. Cada edição trazia a descrição dos métodos e os materiais necessários para reproduzir experimentos relevantes da física, química e biologia. O prospecto que acompanhava o experimento apresentava a vida de um cientista-chave para o conhecimento transmitido no experimento daquela edição. Acompanhei a realização de diversos destes experimentos operacionalizados pelas mãos habilidosas de um vizinho mais velho que tinha grande interesse pelos temas científicos. A primeira noção de física (cinemática) e de química vieram destes experimentos que foram esque-

cidos e lembrados várias vezes durante minha vida. Ressalto aqui que a formação informal devido à cultura familiar teve papel essencial para mim principalmente neste período.



Deixo aqui uma lembrança no período do Grupo Escolar Euclides da Cunha. Lembro-me da alegria da hora da merenda, quando todos corriam para receber em um copo de plástico colorido a sopa quente ou o mingau. Era um momento de contentamento. Lembro de um colega com quem compartilhava eventualmente os assentos da carteira de dois lugares que havia na sala. Ele morava no bairro pobre do Pavãozinho, era sempre mais rápido e tinha as melhores respostas da turma; para mim era o melhor aluno. Deixei-o junto com a cidade e nunca mais soube dele. Imagino que ficou por lá e entristeço-me em pensar no destino educacional que possivelmente teve.



Estava em frente ao número 1300 da avenida Santos Dumont, na cidade de Fortaleza, Ceará. Eram quase seis horas da manhã, e o portão do Colégio General Osório ainda não havia sido aberto. Pulei o portão e fiquei esperando meus colegas que logo chegariam para conversarmos sobre os filmes que havíamos visto no dia anterior, apreciar os álbuns ou desenhos que os mais habilidosos haviam feito, mas prin-

principalmente fazermos o que mais gostávamos: jogar futebol com bola de meia antes do início da aula.



Este era meu quarto ano no colégio, estava na oitava série, havia chegado em 1977. A formação no General Osório foi muito boa e lá conheci colegas admiráveis. Lembro-me que era um bom aluno, o que me rendia algumas aulas particulares que iam de disciplinas como História até Matemática, excetuando-se aqui Língua Portuguesa. Trouxe do meu primeiro ciclo algumas limitações na grafia que só depois de muito tempo consegui mitigar. A Matemática sempre me foi mais democrática, e a ajuda do meu tio José Eliseu Becco, engenheiro, nas equações algébricas na quinta série me deram o empurrão necessário para que eu tivesse autonomia de aprendizado nos anos subseqüentes.



O Colégio Cearense Sagrado Coração, administrado pela Ordem Marista, era um dos mais reconhecidos na cidade e possivelmente o mais destacado quanto à aprovação no vestibular. Fui nele fazer o ensino médio (científico). Desenvolvi habilidade nas disciplinas de Matemática e Física. Ajudei alguns professores do primeiro ano em Física e, no segundo ano, também em Matemática, nos cursos para minha própria turma. Havia um professor de Física do primeiro ano

que deixava as provas para eu corrigir. Havia um professor do segundo ano que me incentivava a estudar o conteúdo de Matemática com antecedência, de modo que, quando da apresentação do conteúdo em sala de aula, eu o ajudava na resolução de exercícios. Isto me dava muita confiança no tema e gerava um certo relaxamento dos professores durante as aulas.

Neste período, gostava de ler romances, mas tinha predileção especial por publicações sobre política, filosofia e ciências. A coleção *Primeiros Passos*, da Editora Brasiliense, e a coleção *Os Pensadores* eram sempre visitadas. A ausência de aulas no colégio sobre estes temas fez-me autodidata, e lamento as lacunas que este tipo de aprendizado produz no entendimento de temas tão complexos como estes, que já me interessavam à época.

No final do segundo ano do ensino médio, um grande afluxo de estudantes de outros colégios se dirigiam ao Cearense. Ele hegemonizava as aprovações no vestibular. Os próprios alunos do colégio tinham que realizar uma prova junto com os novatos para definir em que turma ficariam. Era mais de uma dezena de turmas no terceiro ano. As turmas eram definidas pelas notas obtidas nesta prova.



A reestruturação das turmas trouxe para o convívio diversos colegas que vieram de outras instituições; entre eles estava o novato Eduardo Sávio P. R. Martins, que se tornou amigo e companheiro de muitas lutas na área de Recursos Hídricos.

Passaram pela Turma 7 do Colégio Cearense Sagrado Coração em 1983 diversos alunos com vida profissional destacada.

Fui aprovado no vestibular para o curso de Engenharia Civil na UFC. Até onde me lembro, tive o sentimento de ter mais sucesso na prova de gramática de língua portuguesa que na de matemática, o que para mim foi paradoxal. Fiquei em décimo lugar no curso de Engenharia Civil, ocupando a posição 59 no quadro geral de aprovados.

A escolha do curso de Engenharia Civil não foi casual. Foi relevante a influência do tio Engenheiro Civil formado na UFC que me ensinou as equações algébricas na quinta série, por quem tenho grande admiração. Esta influência e a possibilidade de utilizar física e principalmente a matemática na minha atividade profissional me levaram a esta escolha.

O ano de 1983 registrou uma seca muito severa. Uma das mais impactantes em minha memória. O rodízio na distribuição de água e a baixa pressão na rede requeriam que realizássemos em nossas casas o armazenamento de água em recipientes pequenos e grandes. O impacto das secas foi sentido em Fortaleza pela falta de água e pela presença de migrantes pedintes nos sinais da cidade. A situação era triste e dolorosa. O impacto das secas e suas mazelas era presente nas notícias do interior e nas condições de abastecimento da capital.

Findavam em 1983 a seca e o meu ensino médio.





Francisco de Assis de Souza Filho

(19.08.1966 – 25.03.2026)

Nome: Francisco de Assis de Souza Filho (Senador Pompeu, Ceará, Brasil, 19/08/1966).

Pai: Francisco de Assis de Souza (1940).

Mãe: Zélia Becco de Souza (1943).

Esposa: Leila Maria Carvalho Costa (1967).

Filhos: Letícia Costa Becco de Souza (2000), Vinícius Costa Becco de Souza (2005).

Irmãos: Zélia Becco de Souza Filha (1968), Andrea Becco de Souza (1969), Roberta Becco de Souza (1974), Eliseu Becco Neto (1977), Álvaro Becco de Souza (1979), Rodrigo Becco de Souza (1981).

Ensino Médio: Colégio Cearense Sagrado Coração (Fortaleza, Ceará).

Ensino Superior: Engenharia Civil, Universidade Federal do Ceará, 1992.

Mestrado: Hidráulica e Saneamento, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1995.

Doutorado: Engenharia Civil (Recursos Hídricos), Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, 2006.

Pós-Doutorado: International Research Institute for Climate and Society, Universidade de Columbia (Nova Iorque), 2007.

Orientadores: Antônio Nunes de Miranda (Iniciação Científica), Antônio Marozzi Righetto (Mestrado), Ruben La Laina Porto (Doutorado).

Onde trabalhou na área de Recursos Hídricos: Companhia de Gestão de Recursos Hídricos (Cogerh), 1994-2008; Secretaria de Recursos Hídricos (SRH-Ce), 1999-2001; Fundação Cearense de Recursos Hídricos (Funceme), 2001-2006; Universidade Federal do Ceará, 2008-2026.

Ensino: Professor da UFC, 2008-2026, foram ministrados 118 cursos, distribuídos em 23 disciplinas, nos seguintes cursos: graduação (Engenharia Civil e Ambiental), mestrado e doutorado (POSDEHA) e mestrado profissional. Na graduação, as disciplinas foram: Hidrologia (TD0928), Climatologia (TD0951), para o curso de Engenharia Ambiental; Introdução a Engenharia (TB0786), Hidráulica Fluvial (TD0937) e Portos (TD0941), para o curso de Engenharia Civil; e, na pós-graduação, Hidrologia (TDP8413); Tópi-

cos especiais de recursos hídricos III em Clima e Recursos Hídricos (TDP7133), Hidrologia Aplicada I (TDP7011), Hidrologia Aplicada II (TDP7044); Hidrologia Avançada (TDP8417), Economia e Planejamento de Recursos Hídricos (TDP7066), Economia e Administração de Recursos Hídricos (TDP7688), Tópicos Especiais de Recursos Hídricos (TDP8099), Tópicos Especiais de Recursos Hídricos II (TDP7122) em Gestão Adaptativa dos Recursos Hídricos, Estágio de docência I (TDP0133), Estágio de docência II (TDP0184), Estágio de docência III (TDP0201). Como professor da Unifor (1995-2022), ministrou três disciplinas (Portos, Rios e Canais; Hidrologia; Fenômeno dos Transportes).

Orientação: 91 orientações: Mestrado (29), Doutorado (21), Pós-Doutorado (6), Iniciação Científica (9), Projeto de Graduação (21) e Bolsas de Ensino (5).

Produção intelectual: Artigos em Revista (138), Livros (7), Capítulos de Livro (127), Artigos completos em eventos (115).

Extensão: Projetos Programa Cientista Chefe da Funcap (5), Cogerh (2), Banco Mundial (2), ONS (2), ANA (2).

Coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão: CNPq (3), Capes (2), Finep (1), Funcap (5), ANA (1), Cogerh (2), Banco Mundial (2), ONS (2).

Liderança de grupos de pesquisa registrados no CNPq: Gerenciamento do Risco Climático e da Segurança Hídrica.

Coordenação de cursos: Coordenação da Pós-Graduação em Engenharia Civil (Recursos Hídricos) – POSDEHA: 29/12/2011 a 24/10/2012 e 25/10/2012 a 16/12/2015; Vice-coordenação: 2010-2011.

Bancas: Mestrado (43), Doutorado (23).

Organização eventos: Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, entre outros.

Palestras: Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos; Eventos em várias universidades, por exemplo, Columbia, Havard, Illinois; eventos da ABRHidro, Associação Brasileira de Meteorologia, ABES, entre outros.

Premiações: Prêmio Flávio Terra Barth; Associação Brasileira de Recursos Hídricos; Medalha Paulo de Frontin; Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Ceará; Medalha Engenheiro Francisco Gonçalves de Aguiar (Honraria máxima dos recursos hídricos do Ceará criada pela Lei Estadual 11.996, de 1992); Conselho Estadual de Recursos Hídricos e Secretaria de Recursos Hídricos do Ceará; Homenageado pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, pelo Transcurso dos 25 anos da Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos – Cogehr, Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

Assessoria em órgãos de fomento: CNPq no Comitê Assessor de Engenharia e Ciências Ambientais (2014-2017 e 2022-2025); Capes, como Coordenador Adjunto da Engenharia I (2018-2019).

Cargos e posições Acadêmicas: Diretor do Centro de Estudos Estratégicos de Política de Águas e Secas (Cepas) (2024-2026), Representante dos Professores do CT junto ao CEPE da UFC.

Trabalhos acadêmicos premiados: Menção de Distinção e Louvor na Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo – EESC (1995), Recomendação da banca de Men-

ção de Distinção e premiação na Tese de Doutorado (2006), Universidade de São Paulo, Terceiro lugar no I Prêmio IN-MET de Estudos sobre Benefícios da Meteorologia para o Brasil, Instituto Nacional de Meteorologia (2006); Featured Article – Artigo científico mais inovador da Edição 59 Volume 6, Hydrological Sciences Journal (2014); Editor's Choice Article Water Journal, v. 12, p. 2058, 2020, Water Journal; Featured Article of Volume 66, Issue 7, longlisted for the IAHS Tison Award (Uncertainty analysis in parameter regionalization for streamflow prediction in ungauged semi-arid catchments), Hydrological Sciences Journal / International Association of Hydrological Sciences (IAHS), 2021; Featured Article of Volume 65, Issue 16, longlisted for the IAHS Tison Award (Mapping abrupt streamflow shift in an abrupt climate shift through multiple change point methodologies: Brazil case study, Hydrological Sciences Journal / International Association of Hydrological Sciences (IAHS), 2021; Finalista do Prêmio ANA na categoria inovação tecnológica – Projeto Desenvolvimento de um Sistema de Informação e Alerta Precoce de Seca, Agência Nacional de Água (ANA), em 2021; Finalista do Prêmio ANA (Projeto Seca em Jogo, Rep. Daniel Cid), Agência Nacional de Água, em 2023.



JUSTIÇA E ÁGUA: INFLUÊNCIAS DE KAHNEMAN

ANDRÉ FEITOSA DE SOUSA

Em setembro de 2006, tinha 24 anos, era acadêmico de Psicologia e participava como bolsista de iniciação científica em um grupo de pesquisa que, dentre seus objetivos, desenvolvia ferramentas metodológicas para intervenção² social.

Quando conversamos, o professor doutor Francisco de Assis de Souza Filho previa o encerramento do seu mandato na presidência de órgão público, manifestando seu interesse na construção de um projeto de impacto comunitário na gestão compartilhada das águas.

O que me chamou a atenção, transcorridas duas décadas (2006-2026) daquela reunião, foi o tipo de sofisticação inte-

2 CAVALCANTE JR, F. S. Ler e escrever podem custar um mundo: uma década de investimentos para superação da pobreza de letramentos. *Revista Subjetividades*, Unifor, v. 5, n. 1, 2005. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/issue/view/204>.

lectual que permeou a tônica interdisciplinar do professor Assis Filho.

Ao conversarmos sobre o que seriam as linhas gerais do referido projeto, o professor Assis Filho abriu a gaveta e buscou um livro em inglês. Disse-nos que, por ocasião de uma visita de trabalho, em Seminário Avançado na Universidade de Columbia (Estados Unidos), tomou conhecimento do Prêmio Nobel de Ciências Econômicas em 2002.

Capa azul e páginas marcadas com anotações pessoais, entregou-me: *Choices, Values, and Frames*, publicação de 2000, com elaborações ampliadas sobre a publicação³ homônima de 1984, na revista *American Psychologist*, referente ao 1983 APA (American Psychological Association) Award for Distinguished Scientific Contributions, formuladas por Daniel Kahneman e Amos Tversky.

Vinha dos estudos da Psicologia Humanista Existencial Americana, ademais, o tema das motivações humanas era base da construção epistemológica na minha formação, segundo um recorte de pressupostos de Abraham Maslow e de Carl Rogers.

Naquela manhã, a conversa versava sobre arquiteturas cognitivas de decisão, aplicadas à análise econômica de áreas diversas, como direito, políticas públicas, economia etc., nos termos do que se convencionou como “economia comportamental”. A tese recente de doutoramento, defendida pelo Professor em fevereiro daquele ano, tratava de “justiça alocativa”.

3 Ver: https://www.psy.miami.edu/_assets/pdf/rpo-articles/kahneman-and-tversky-1984.pdf.

Dizia-nos, o Professor, que nos processos de tomada de decisões em ambientes de incerteza, por exemplo, em cenários complexos que exijam julgamentos e decisões sobre alocação da água entre diferentes interesses populacionais, além de não serem orientados racionalmente (de cálculo lógico estável, como supunha a economia clássica), os seres humanos operam mediante atalhos mentais (heurísticas) e distorções sistemáticas (vieses).

Pertinente ao seu campo de análises para a sustentabilidade climática, o Professor explicava que o fator do acaso atravessava a natureza dos acontecimentos, especialmente quando os referidos mecanismos cognitivos para decisão elegem, por meio de vieses sistemáticos, basear-se em regimes distintos de processamento cognitivo (e não em uma ontologia do humano), cujos resultados serão também distintos.

Em tensão com a racionalidade pressuposta em modelos como a Teoria dos Jogos, o Professor argumentava sobre economia comportamental e os desvios habituais da expectativa de comportamentos puramente racionais, ou mesmo da hipótese “esperada” de o sujeito agir em benefício próprio (segundo teorias mais tradicionais).

Outrossim, nos contextos de riscos e incertezas, através da intuição (estruturação interna/processamento heurístico, ainda que enviesada) ou do acaso (aleatoriedade externa/contingência do mundo), também altera a recepção e as decisões sobre o fenômeno conforme a forma de “apresentar” opções.

Considerando, ademais, que sentimos a dor correspondente à perda com mais intensidade (“pesa” mais) do que a alegria de um ganho equivalente, então, vivenciamos essa dor segundo a Teoria de Aversão à Perda, um dos princípios centrais da Teoria da Perspectiva enunciada por Kahneman e Tversky.

Na mesma linha de investigação, em que priorizamos evitar perdas em vez de buscar ganhos, a quantidade de “tristeza” que se “sente” quando hipotéticos 10 reais são perdidos é maior do que a quantidade de “felicidade” que se “sente” quando os 10 reais são ganhos.

Assim, como implicações nos mercados, quando vendedores e compradores negociam preços, a intensidade com que uma perda ou um ganho é percebido não se distribui de forma simétrica entre os agentes, mas varia conforme o ponto de referência, a relação de posse e o contexto em que o respectivo bem é avaliado.

Aquele que abre mão de algo, por exemplo, pode atribuir a essa perda um peso subjetivo ampliado que ultrapassa o valor monetário envolvido, modificado pelo efeito pelo qual a posse, por si, como indicam tais estudos, reconfigura o valor percebido, de modo a inflacionar sua valoração, em comparação àquele que ainda não o possui.

Desde já, no campo político, líderes e populações, diante de risco e ambiguidade, tornam-se mais suscetíveis, tanto às narrativas alarmistas de medo quanto às narrativas simplificadoras do medo.

Políticas, assim, baseadas no efeito do medo, ou seja, baseadas no risco percebido (diferente do risco real), emergem como respostas “intuitivamente” mais convincentes, ainda que racionalmente frágeis.

De acordo com a referida teoria e sua noção de enquadramento, o “ponto de referência”, a partir do qual se estabelece o problema, revela que a avaliação de ganhos e perdas não se organiza segundo valores absolutos, mas em função

de escalas relativas e de uma função de valor não linear, caracterizada por sensibilidade marginal decrescente.

Assim, “economizar R\$ 10” quando situado em uma compra de R\$ 100 tende a produzir um efeito subjetivo mais significativo do que “economizar R\$ 10” em uma compra de R\$ 1000.

Do mesmo modo, o impacto de uma variação monetária depende da posição relativa do sujeito em relação ao seu ponto de referência, por exemplo: a diferença percebida entre dispor de R\$ 50 e de R\$ 40 não é equivalente, em termos de intensidade experiencial, à diferença entre R\$ 500 e R\$ 490, ainda que o valor absoluto seja idêntico.

Passadas as décadas, e atravessado agora pela notícia da morte do professor Assis Filho, compreendo que aquilo que então se apresentava como uma lição sobre a assimetria entre perdas e ganhos não permaneceu apenas como teoria.

A ausência do Professor, de sua presença afetuosa e de sua inteligência invulgar configura, também para o meu aparelho psíquico, um prejuízo que não encontra medida nos ganhos que sua generosidade intelectual produziu em vida.

Se, como aprendemos, a tristeza não é aqui desproporcional, senão rigorosamente justa, porquanto humana, tais experiências revelam o limite estrutural dessa racionalidade humana, incapaz de equivaler seus vividos por exatidões abstratas.

É nesse desnível do pathos, com a licença do Professor pela saída da economia comportamental, entre o que foi transmitido e o que se sente como extinto, que aqui também se inscreve, de modo irreduzível, a marca de sua passagem.



CARTA AO AMIGO ASSIS
ÁUREA SILVA DE HOLANDA

Fortaleza, 25 de abril de 2026.

Querido Assis,

Sinto sua presença, forte e genuína, enquanto escrevo esta carta. Sentada no sofá de casa, reservo um espaço para que você possa se achegar no seu tempo. Estou emocionada, mas confortável com a sua companhia. A memória vai longe e traz o início da década de 80, época em que estudava com suas irmãs, Zélia e Andrea, no Colégio da Imaculada Conceição. Morávamos a dois quarteirões de distância e eu costumava ir a pé para sua casa, lembra? Subia a rua Pinto Madeira, onde eu residia e dobrava na rua Ildefonso Albano, onde havia o famoso Mercantil São José na esquina. Achava incrível existir uma família com tantos filhos e observava atentamente a intensa movimentação do ambiente. Naquela época, nosso contato foi pequeno, mas a atmosfera da sua casa me conquistou. Sentia alegria e aconchego quando estava com vocês.

Quando cheguei à UFC como aluna de graduação, você já estava lá. Naqueles anos, a lembrança mais forte que guardo é da sua atuação nos movimentos estudantis. Havia muita empolgação na sua fala, desejo de mudanças coletivas e ações concretas nessa direção. Isso me marcou profundamente, meu amigo! Àquela época compreendi que o outro tinha uma grande importância na sua vida e que suas aspirações individuais andavam de braços dados com o bem comum. A imagem que me chega é de uma grande embarcação com você no comando. O mar nem sempre é calmo e, na hora das ondas revoltas, é necessário um timoneiro tranquilo e assertivo como você.

Muitos anos se passaram até o nosso reencontro na universidade, tempo em que formamos nossas famílias e seguimos construindo nossas trajetórias na engenharia. Você nem imagina o tamanho da minha alegria ao revê-lo como professor na UFC! Tive o privilégio de acompanhar sua caminhada, seus projetos com reconhecimento nacional e internacional, seu amor pela docência e pela pesquisa. Nossos encontros pela cidade, na luta por uma universidade pública de qualidade e por um país mais justo, sempre me emocionaram. Guardo com carinho as fotos tiradas nas praças e nos corredores de ruas de Fortaleza.

Acompanhei de pertinho suas inquietações sobre o ensino e sua busca intensa por abordagens que transformassem a sala de aula em um espaço de aprendizado dinâmico, tendo sido um dos precursores no Centro de Tecnologia na aplicação de novas metodologias de ensino. Sua preocupação não se limitava à formação do profissional de engenharia, mas se estendia à formação humana de seus alunos. É lindo vê-los falar sobre você! O encantamento, a admiração e o carinho

brotam nas palavras e transparecem em seus olhos radiantes quando mencionam o seu nome e a importância de sua presença em suas vidas.

O sucesso merecido não foi capaz de interferir na sua humildade que sempre se fez presente nas conversas com qualquer pessoa que teve a honra de cruzar o seu caminho. Você sempre foi um ser iluminado, sábio e dono de uma paz de espírito admirável! Seu conhecimento extenso sobre assuntos diversos era impressionante! Suas falas, nas quais sempre trazia filosofia, sociologia e uma visão de mundo extraordinária, me encantavam! Aprendi muito sobre engenharia e sobre a vida conversando com você. Lembro-me de uma palestra ministrada no Departamento de Engenharia de Transportes, na qual você estava com o tempo esgotado e pediu humildemente minutinhos extras para falar algo que julgava importante. O seu desejo de trocar ideias e contribuir para o desenvolvimento integral da comunidade era imensurável! Compartilhei com você a alegria de ouvi-lo e o anseio por aprender cada vez mais.

Conversamos tantas vezes na UFC, encontros fortuitos nos corredores do Centro de Tecnologia. Falávamos sobre a vida pessoal, o trabalho e as questões da universidade. Você me trouxe muitas reflexões importantes, meu amigo! Na última conversa que tivemos antes do seu adoecimento, você estava muito cansado. Havia finalizado um relatório durante a madrugada, o que nos levou a falar dos inúmeros projetos e da correria do dia a dia. Perguntei se não seria possível reduzir a carga de trabalho para que as noites de sono pudessem ser plenas e você me respondeu: “Auriazinha, o povo está precisando!”. Mais uma vez, o bem da coletividade falou mais alto. Hoje, faço essa pergunta a mim e, ainda sem

resposta, sigo refletindo continuamente sobre o equilíbrio na vida.

Gostaria que você soubesse que sua luta pela cura nos últimos anos me ensinou sobre resiliência e amor à vida! Era inimaginável ver você realizando tantas atividades com o mesmo ânimo e alegria! Sua partida me cortou o coração, mas a dor da perda e da saudade só existe porque houve amor. Você plantou amor, respeito e esperança no coração de todos nós, meu caro Assis. Foi emocionante ver uma multidão de pessoas, amigos e parentes, se despedindo do seu corpo físico e contando histórias especiais a seu respeito. Tenho uma amiga querida que diz que “você nunca saberá quantas vidas transformou, mas elas saberão”.

Meu querido, vou finalizar nossa conversa com uma frase da médica geriatra Dra. Ana Claudia Arantes: “A nossa existência não termina com a nossa morte. A nossa existência segue plena e viva nas relações que a gente fez ao longo da vida.” Assis, você vive em mim!

Até breve!

Com carinho,

Áurea



**FRANCISCO DE ASSIS DE SOUZA FILHO,
O HOMEM DAS ÁGUAS ME ENSINOU A
NAVEGAR PELAS ENGENHARIAS**

BERNADETE DE SOUZA PORTO

Conheci Assis Filho no final da década 80, era estudante de Pedagogia e ele, de Engenharia Civil. Éramos militantes no movimento estudantil, eu na UECE e ele na UFC. Foi Gregório Bezerra que nos irmanou. No seu coletivo, aprofundava os estudos sobre a sociedade, a economia e a educação, era um cais de minha formação em Pedagogia, ancorada em estudos mais densos e analíticos.

Anos depois, em 2009, nos encontramos na UFC. Senti uma alegria grande ao revê-lo, pois isso me dava a certeza que estava olhando, neste intervalo de 40 anos, na direção certa. Assis Filho continuava com sede de aprender e viver os seus imensos e intensos aprendizados, a favor do coletivo, pois tinha uma inteligência privilegiada.

Aportamos no ensino de engenharia, especialmente no da Hidrologia. Após cursar Didática do Ensino Superior ele me disse: “eu entendi a teoria e quero que me ajude a que ela

chegue no ensino de graduação”. E assim mergulhamos na prática pedagógica do ensino de graduação em Hidrologia. Eu observava e cartografava suas aulas e as devolvia para leitura. Sempre me impressionei com sua capacidade analítica, aqui mapeada nos desafios que ele via diante do espelho d’água de sua docência. Os identificava e rapidamente ele partia na reinvenção dos seus projetos de ensino e procurava diminuir as fendas entre teoria e prática, entre conteúdo e forma, recriando o tempo de ensino em conformidade com os processos de aprendizagens de seus muitos estudantes. Conseguiu, naquela experiência compartilhada, alinhar teoria e método de ensino incluindo as mudanças que trariam, para seu ensino, a radicalidade epistemológica que inclui autonomia e criatividade no ensinar e no aprender.

Desde o ano de 2010, quando nos encontrávamos, zarpamos por questões profundas em relação a esse miúdo fazer acadêmico e a função social da universidade pública, em atendimento aos muitos e cada vez mais complexos desafios do acesso ao conhecimento em nosso país. Combinamos de escrever sobre o ensino de engenharia, mas não tivemos tempo. Era quando dizia que a engenharia era técnica social e que a formação era o maior legado que poderíamos deixar no mundo. Fiquei com as suas aulas e as frestas que a gente elencava no grande volume conservador da instituição. Prometi escrever sobre seu ensino e, principalmente, sobre o modo lúcido, simples e radical de reaprender a docência com o olhar e as projeções de um educador militante, que amava a vida, os seus discentes e a possibilidade de ver as águas rolarem. Sim, meu amigo, “as águas vão rolar”. Se não com você, sua cabecinha privilegiada e seu coração imenso, na solidão dos que sabem doar alegria de lhe encontrar duas

vezes na vida e mergulhar no sentido maior de existir, ser outros, ser muitos. Como você repetia, “ninguém é pleno sem o outro, esse é um princípio ético para a pesquisa, em que eu tento identificar problemas que melhorem a qualidade de vida das pessoas”.

Com você, reafirmei a máxima de que criar o ensino para o bem viver nos possibilitará viver uma universidade mais inclusiva e libertadora, elencando, desde o pensamento, construindo a grande ponte para a tecnologia adejar um mundo mais bonito, mais bondoso e mais justo.



O LEGADO DO CIENTISTA DAS ÁGUAS COMO PATRIMÔNIO

CÉSAR BARREIRA

Neste último dia 25 de março perdemos um grande catedrático. A designação representa o nível mais elevado da carreira docente, incluindo liderança acadêmica, ensino de pós-graduação e pesquisa de ponta. Além desses atributos formais, gostaria de me referir ao amigo Assis Filho, que conheci em um evento ou acontecimento, não crítico como Veena Das, antropóloga indiana, tão bem analisou, mas um evento promissor, cheio de promessas, prenhe de futuros. Assis queria ampliar o seu universo de explicações, tão bem já alargado, e nos chamava para realizar uma “sociologia das águas”, buscando um novo tratamento metodológico da gestão dos recursos hídricos. Com essa postura chamou uma equipe de sociólogos para realizar uma cooperação interdisciplinar sobre seu tema de preferência e criação: Alocação Negociada das Águas. Desde o primeiro contato com Assis Filho alguns aspectos me chamaram a atenção: o seu conhecimento interdisciplinar, a sua sede de conhecimento e a sua generosidade intelectual, moldada por uma disciplina e dedicação acadêmica. A interdisciplinaridade, marca dos grandes catedráticos, aflorava em Assis. Seu conhecimento era eivado de reflexões sobre destacados pensadores das áreas de humanas, tais como Pierre Bourdieu, Jurgen Habermas, Anthony

Giddens, entre outros. A postura de Assis Filho ultrapassava as divisões disciplinares que limitavam a compreensão de temáticas, ao mesmo tempo técnicas e sociais. Vivi fortemente a generosidade intelectual de Assis Filho quando tive a oportunidade de retomar uma temática que trabalhei nas décadas de 1970 e 1980 sobre a problemática agrária, uma sensação de estar revisitando os sertões e as secas do Nordeste e mais especificamente do Ceará. A problemática das águas no sertão remete a diversas frentes de análise. O Ceará se tornou conhecido por secas calamitosas, tema definido por um aforismo dos sertanejos: “*A água é vida, sem água ninguém vive*”.

Durante a pesquisa desenvolvida em equipes dos cursos de Recursos Hídricos e Ciências Sociais, analisei junto com vários colegas disputas que envolviam o acesso à água e seus significados para usuários, considerando a luta por esse bem nos sertões do estado do Ceará. A situação configurava-se por meio de tensões baseadas em direitos sociais no contexto de profundas mudanças. Era um dos projetos do Assis pensar os usos da água não mais dependentes, somente, de variações do meio ambiente. Era preciso planejar e encontrar um modelo capaz de superar a dependência climática e suas variações sazonais. Foi nessa direção que sistematizou uma articulação entre gerenciamento de recursos e sistemas alocativos. Importa enfatizar que, ao longo dos últimos vinte anos, a experiência de alocação das águas dotou o Ceará de uma imagem positiva baseada na eficiência e inovação em liderança face aos demais estados do Nordeste. Destaca-se, nesse sentido, a busca de encontrar mecanismos de convivência entre períodos longos de estiagem e a urgência de estabelecer formas próprias de acumulação e distribuição diante da pouca água disponível.

Tivemos novos contatos durante os seminários em que discutíamos o Projeto “Ceará 2050”, voltado para a elaboração de prognóstico e busca de soluções para os problemas de longo prazo do estado.

Assis, como cientista visionário, compreendeu bem o dizer do sertanejo: “falar de água é falar de sofrimento, mas também... de fé e um monte de coisa junto”. Esse “monte de coisa junto” remete à ideia de complexidade formulada por Edgar Morin e tão bem empregada e reafirmada por Assis Filho: era preciso trabalhar com interdisciplinaridade.

Assis Filho costumava andar com um caderno no qual anotava tarefas, ideias e compromissos. As reuniões em cafés uniam o útil ao agradável e era nesse momento que sua mente plena de projeções imaginava livros e artigos baseados em experiências compartilhadas. Não só nacionais, pois pensava que um modelo bem-sucedido de alocação de recursos hídricos deveria ser exportado para outros países. Na percepção de que as ideias mereciam ser disseminadas e debatidas, idealizou seminários, cursos e modos de sensibilizar políticas públicas voltadas para pensar as águas em um sentido amplo de sustentabilidade. As propostas pensadas em um conjunto de ações que ele planejava na condição de cientista-chefe estavam articuladas a redes internacionais de pesquisa, mantendo uma forte relação com a Université de Montpellier. Nesse sentido, pensava no modelo francês de alocação das águas e nas tecnologias empregadas nos diferentes sistemas de exploração agrícola.

As relações entre pesquisa e políticas públicas eram exploradas em uma versão de que a universidade produzia saberes para serem bem empregados em situações de compromisso com o desenvolvimento do estado. Assim pensava na

existência de uma ciência aplicada e associada a diferentes formas de articulação com os poderes públicos. Não bastava a pesquisa e a afirmação de princípios. Nesse sentido, tornou-se também um mediador de planos e propostas experimentais e criativas. Comparava modos de planejamento e observava as possibilidades de enquadramento das pesquisas face às diretrizes institucionais dos órgãos encarregados das políticas de gestão e distribuição de águas. Os modelos projetivos eram uma espécie de argumento materializado na capacidade de testar e observar resultados. A teoria e a prática eram aspectos indissociáveis.

O papel político e acadêmico de Assis Filho, como Cientista-Chefe da Política de Recursos Hídricos do Estado e com atuação, também, na Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), criou referência nacional e internacional.

A “Alocação Negociada de Água”, conceito designado por Assis Filho, tinha por objetivo organizar o compartilhamento da água preservada e distribuída com critérios pactuados. Era preciso não só construir os mecanismos de distribuição, mas também fazer com que os usuários entendessem e concordassem com o processo.

Assis Filho nos deixou recentemente. Ficaram suas propostas sobre a água como um bem de direito e partilha fundamental na preservação da vida. Os sertanejos perderam um grande aliado. Nós também da universidade vamos sentir falta de Assis em muitos momentos, agora com a responsabilidade de fazer florescer seus projetos. Com certeza as propostas feitas pelo cientista das águas estão escritas na história da universidade e das políticas públicas, cabendo a muitos a tarefa de dar sequência aos ideais e princípios que são agora patrimônio.



JUNTOS PARA SEMPRE

CUSTÓDIO LUÍS SILVA DE ALMEIDA

I – O Encontro

Assis Filho e eu nos encontramos no segundo semestre do ano de 1984, ano em que ingressamos na UFC. O Brasil estava sedento de Democracia – o clima no país era de *Diretas Já* – e nós ávidos por Revolução. Assis Filho era aluno do curso de Engenharia Civil, do Centro de Tecnologia da UFC, e eu, aluno do curso de Processamento de Dados, do Centro de Ciências. Tínhamos apenas 18 anos; nascemos no mesmo ano, eu no mês de julho e ele em agosto de 1966. Para nós a Universidade Federal do Ceará não se distinguiu por seus cursos, nem o mundo por seus países, o que fazia a diferença era a visão do mundo que sonhávamos ter, se um mundo baseado no consumo, no lucro e na exploração do trabalho ou se um mundo cooperativo, fraterno e livre. Sim, éramos sonhadores, como é próprio das juventudes, mas não apenas isso, estávamos alinhados sonhando os mesmos sonhos. Tínhamos a mesma coragem dos que se sentem eternos e de

quem sabia, pela teoria marxista-leninista, que o mundo não é uma imposição da Natureza, mas é forjado, inventado e produzido pela própria humanidade nas correlações de forças que se estabelecem nas sociedades. Construímos juntos o sonho de Justiça social, de Poder coletivo; ficamos impregnados deste sonho comum, o encarnamos e proclamamos que o futuro só depende de nós. Assim, estávamos em um mesmo tempo, em sintonia, sonhando os mesmos sonhos. Éramos, na UFC, a *Juventude Avançando*, e fazíamos parte do Coletivo Gregório Bezerra e do Partido da Libertação Proletária (PLP).

Esse foi o início da nossa história comum. De tal maneira firmamos um “pacto de honra” naquele começo que nunca mais conseguimos nos separar. Nossos ideais estavam alinhados e tecidos juntos, para além dos caminhos diferentes que viéssemos a trilhar; e é claro que naquele tempo acreditamos, imaginamos que seria assim, para sempre, porém, só depois, décadas mais tarde, tivemos a certeza de que o “para sempre” existe e que aqueles ideais permaneceram vivos por todos os anos que se seguiram. E o mais precioso de tudo é que esses ideais se reencontraram, retroalimentaram-se e confirmaram-se outra vez; claro que em outra conjuntura política, em outros contextos, em outro tempo; mas a terra fértil era a mesma, a UFC.

Hoje, tenho consciência de que na década de 80 do século XX éramos jovens estudantes e militantes das causas do Amor: tínhamos convicção de que a nossa luta traduzia o verdadeiro amor pela UFC, pelo Brasil e pela Humanidade. E, só por isso, a nossa causa jamais seria em vão. Tínhamos tanta certeza que a nossa luta era a maior luta que podíamos travar que vivenciá-la já era avançar e vencer. Traduzíamos-

-nos como *Juventude Avançando*, cultivávamos beleza e alegria, estávamos compartilhando o “admirável mundo novo” que sonhamos; sentíamos-nos maiores e melhores do que éramos antes, quando fazíamos parte do velho mundo adoecido e atrasado. Aos olhos de alguns, ou de muitos, parecia que éramos românticos ou até arrogantes, mas que nada, tínhamos apenas a explícita convicção de que a descoberta que fizemos era a mais alta e nobre de todas: descobrimos que ser humano é estar acima das mazelas que a própria humanidade criou e perpetuou: a injustiça em seus diferentes modos de expressão – a escravidão, a miséria, o sofrimento, a exploração, a ignorância e os embrutecimentos que produz. Sim, descobrimos a beleza e a alegria da Liberdade e as potências da Humanidade. No fundo, no mais profundo de nós, o que de verdade nós descobrimos, acreditamos e cultivamos foi a Felicidade. E desejávamos que todos pudessem compartilhar dessa descoberta conosco. Essa era a Verdade que defendíamos e, como filhotes de Lênin, sabíamos que “a prática é o critério da verdade” e, por isso, não podíamos ficar parados.

Em 1986, esse coletivo sonhador e lutador venceu pela primeira vez as eleições do Diretório Central dos estudantes da UFC. Em outubro de 2026 já vão se completar 40 anos dessa vitória que, para nós, confirmava estarmos no lado certo da história. E já no ano seguinte, em 1987, Assis Filho estava credenciado para ser o nosso candidato a presidente do DCE da UFC. Eu fiz parte dessa chapa, que batizamos de “*Quebrando Amarras*”. E vencemos. Assis Filho se tornou presidente do DCE e líder da *Juventude Avançando* na UFC. Seu jeito de fazer movimento estudantil passou a ser referência para todos nós: combativo, assertivo, firme, terno e

feliz. Ah, nessa chapa eu era o diretor de Comunicação e Imprensa, responsável pela divulgação das nossas ideias, de nossos projetos de sociedade e de nossas lutas. Assumimos a responsabilidade por dois programas na Rádio Universitária FM: *DCE-em-Dia* – programa que acontecia todos os dias, por 15 minutos, e *DCE-Debate* – programa semanal com uma hora de duração. E tantas foram as vezes que o nosso presidente Assis esteve na Universitária FM para fazer análise da conjuntura política da UFC, do Brasil e do Mundo e debater temas da hora. Ousadia não nos faltava.

E a gestão do DCE acabou, eu cuidei de me formar em Processamento de Dados, pois já estava de olho no mestrado em Sociologia. E o Assis seguiu o mesmo caminho. Era o momento da nossa primeira separação, mas sem necessidade de despedida. Era como se o que iríamos fazer a partir de então também fizesse parte da mesma missão revolucionária e libertadora que cultivamos no Movimento Estudantil. E assim aconteceu. Assis Filho foi ser engenheiro civil, aprofundando-se em Recursos Hídricos e tornou-se um grande e destacado *cientista das águas* do país. E eu, já ciente que Processamento de Dados foi apenas um rio que passou na minha vida, fui fazer, ao mesmo tempo, mestrado em Sociologia na UFC e bacharelado em Filosofia na UECE – o Movimento Estudantil tinha mesmo alterado a rota da minha vida profissional. Concluí ambos, e em 1992 fiz concurso para o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Humanidades, ingressando como docente na UFC em 09 de fevereiro de 1993. Enquanto isso, Assis Filho andava por outras paragens fazendo pós-graduação em São Paulo e nos Estados Unidos e trabalhando como engenheiro civil em órgãos do estado do Ceará. Em 2008, ele retor-

nou para a UFC e para a casa como professor do curso de Engenharia Civil, lotado no Departamento de Engenharia Hidráulica e Ambiental, do Centro de Tecnologia. O nosso reencontro começava a ser gestado, porque estava escrito nas estrelas.

II – O Reencontro

Assis Filho retornou para a UFC em um momento efervescente de expansão das Universidades Federais Brasileiras. Era o ano de 2008. Estava instalado o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Estávamos vivendo o segundo mandato do Presidente Lula, e Fernando Haddad era o Ministro da Educação. A UFC abria muitos novos cursos de Graduação e de Pós-Graduação e começava o processo de consolidação dos *campi* do interior do estado, no Cariri, em Sobral e em Quixadá. Nessa época eu era o Pró-Reitor de Graduação e foi nesse contexto que nós nos reencontramos. Mas parecia mesmo que nunca tínhamos estado separados. Nas primeiras conversas nós nos reconhecemos amigos, companheiros e camaradas; sentimos reacender os nossos sonhos de juventude e vislumbramos, juntos, a estrada que foi aberta no passado, e que, naquele momento, se estendia à nossa frente como um convite feliz para realizarmos a nossa “missão”: fazer o mundo melhor e mais justo, e as pessoas felizes.

Assis Filho tinha encontrado na Engenharia Civil e nos Recursos Hídricos o campo de realização dessa missão, a Água tornara-se começo, sustentação e foz da jornada; afinal, água boa para todos é Democracia, é Justiça Social e é princípio de saúde e de alegria. Ele assumia esse projeto de

vida no tempo em que a Água passou a ser reconhecida no mundo todo como o recurso natural mais precioso. E sua missão agora era pesquisar para formar estudantes e tornar o futuro viável, era formar seguidores para essa nova luta. E a docência passou a ser o lugar privilegiado dessa nobre tarefa e desse feliz modo de existir.

Eu não era mais da Computação, estava plenamente mergulhado na Filosofia. Em junho de 2008, a Filosofia passou a compor os cursos do Instituto de Cultura e Arte – ICA que estava nascendo e, por isso, eu também voltei a ser habitante diário do Campus do Pici. Já tinha sido chefe do Departamento de Ciências Sociais, coordenador do curso de Filosofia e agora estava à frente da Pró-Reitoria de Graduação por escolha do saudoso reitor Ícaro de Sousa Moreira e confirmado nesse lugar pelo reitor Jesualdo Pereira Farias, após o precoce falecimento do Prof. Ícaro. Passei a dividir o meu tempo com duas tarefas que sempre me foram complementares: a de ser professor de Filosofia e a de ser gestor da UFC. E, com certeza, o reencontro com o Assis se deu por causa da gestão. Projetos comuns começaram a ser desenhados para a UFC.

E quando da minha candidatura à reitor da UFC, o Assis chegou junto e se tornou o cabo eleitoral dos sonhos. Na campanha para a reitoria, em um encontro no auditório do Centro de Tecnologia, ele teve a oportunidade de dizer por que votava em mim. Tenho esse depoimento gravado. Foi comovente, ele fez um resgate da nossa história comum, que lastrava a confiança que depositava em mim e, enfaticamente, propagava em voz alta para os ouvintes. Aquele dia foi marcante na minha vida. O Assis resgatou nossas lutas do passado por uma universidade pública, gratuita, inclusiva e

democrática e confiava que sendo reitor eu lutaria para instalar na UFC esses valores. Ali eu compreendi mais fortemente o dito leninista de que “a prática é o critério da verdade”. Seria mais um grande teste na minha vida, e o Assis confiava plenamente que eu passaria muito bem por ele. Assis, meu querido, faço e continuarei fazendo tudo que for possível para honrar a sua confiança.

Logo no primeiro ano da minha gestão como reitor, em dezembro de 2023, um projeto arrojado do Assis Filho foi levado à apreciação do Conselho Universitário, entrou em pauta a criação do Centro Estratégico de Excelência de Políticas de Águas e Secas – Cepas. Assis defendeu com maestria o projeto na sessão do Conselho Universitário, que o aprovou por unanimidade. A partir daquele momento, estava institucionalizado, como parte integrante do organograma da UFC, um órgão de Pesquisa, Extensão e Ensino que passou a contribuir fortemente para a gestão de águas e secas no Ceará, no Nordeste e no Brasil. Assis Filho, com sua irreverente e grande habilidade de negociação, conseguiu reunir 21 laboratórios de Pesquisa, Extensão e Ensino, em diferentes áreas do conhecimento, para formar o Cepas; desse modo, o Cepas já nasceu forte e pronto para atuar.

O passo seguinte seria começar a criar as condições de infraestrutura para os vários projetos serem executados: política de administração de recursos hídricos e de gestão de secas; água potável em todas as escolas públicas do Ceará; limpeza de lagoas, açudes, rios e mangues; captação, reuso e dessalinização de água; consultorias e muito mais. O Cepas foi criado para isso. E, como sonhar alto era uma característica típica do meu companheiro, ele sonhou com a sede do Cepas à beira do açude Santo Anastácio, no Campus do

Pici, denominando-a de *Campus das Águas*. Então, nós dois combinamos que ele levaria as ideias para a elaboração do projeto ao professor e arquiteto Romeu Duarte, do Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFC, e o resultado foi um belíssimo edifício, na forma da letra A, preche de simbolismo (A de água e também de Assis). Para o prédio, Assis também planejou instalar um Memorial sobre Água e Secas. De minha parte, assumi o compromisso de envidar todos os esforços para executá-lo. E se tudo der certo, terei a oportunidade de levar ao Conselho Universitário a proposta para que esse edifício seja denominado *Campus das Águas Prof. Francisco de Assis de Souza Filho*.

III – Despedida, mas não para sempre

E a Filosofia voltou a ser parte das nossas conversas, como era outrora nos tempos de Movimento Estudantil. Só que agora não era mais a Filosofia Marxista-Leninista que nos movia, mas sim a Filosofia da Ciência, a Filosofia da Natureza e a Filosofia da Finitude. Desde que o Assis descobriu o câncer, nossos encontros sempre tiveram espaço para a Filosofia. Passamos a falar mais sobre a razão de ser das coisas, sobre o estatuto e validade do saber científico, e, na medida em que a doença persistia, demos-nos oportunidade de conversar profundamente sobre a Filosofia da Finitude e sobre a Morte.

Era comum ver o brilho nos olhos do Assis quando passamos a falar com tranquilidade do binômio Vida-Morte. Essa temática sempre me acompanhou na Filosofia, desde quando li pela primeira vez, no Fédon, de Platão, a emblemática afirmação de que *“a tarefa do filósofo é se preparar para*

morrer”, nunca mais a morte foi uma estranha pra mim; passei a viver com o claro propósito de fazer amizade com ela. E eu tive oportunidade de conversar várias vezes sobre isso com o Assis. E ele, de pronto, entendeu o que disse o velho Platão e também quis tirar a Morte da sua estranheza. Bem, para nós, a conclusão era clara: se a consciência da Morte estiver presente nos nossos dias, a vida cotidiana será plena de sentido. A consciência da Morte não deixa que as picuinhas e bobagens assumam lugar relevante na existência e nem que o precioso presente seja roubado pelo futuro.

Compartilhamos a leitura de um livro especialíssimo: *O Livro Tibetano do Viver e do Morrer*, uma magistral abordagem da compreensão budista sobre a morte escrita para os ocidentais. Daí em diante, nós nos tornamos como que cúmplices de um “segredo”, da “descoberta de um tesouro”, a Morte se tornara uma companheira de jornada, passamos a frequentá-la, e com ela aprendemos a ver e a viver a Vida com Liberdade.

Destaco, abaixo, um trecho dos *Ensaíos* de Michel de Montaigne, citado no *O Livro Tibetano do Viver e do Morrer*:

Não há lugar no mundo onde a morte não nos encontre – mesmo que voltemos a cabeça uma e outra vez olhando em todas as direções, como numa terra estranha e suspeita... Se houvesse algum modo de conseguir abrigo contra os golpes da morte – não sou homem de recuar diante dela... Mas é loucura pensar que se pode vencê-la...

Os homens vão, vêm, trotam e dançam, e nem um pio sobre a morte. Tudo parece bem com eles. Mas aí quando ela lhes chega, e às suas mulheres, filhos e amigos, pegando-os de surpresa e despreparados,

que tormentas de paixão os esmagam, que gritos, que fúria, que desespero!... Para começar a tirar da morte o seu grande trunfo sobre nós, adotemos o caminho contrário ao usual; vamos privar a morte da sua estranheza, vamos frequentá-la, acostumarmo-nos a ela; não tenhamos nada senão ela em mente...

*Não sabemos onde a morte nos espera: então vamos por ela esperar em toda a parte. **Praticar a morte é praticar a liberdade. Um homem que aprendeu como morrer, desaprendeu a ser escravo** (Grifo meu).*

Querido Assis, foi um privilégio ter sido seu companheiro de viagem. Sua partida não me jogou na tristeza porque sei que você não foi sozinho, apenas teve a coragem de seguir na frente, como sempre.



ASSIS, MEU CAMARADA
DIMAS DE OLIVEIRA COSTA

A morte de Assis Filho revolveu memórias há muito sedimentadas, trazendo à tona detalhes que pensei haver esquecido. Fragmentos de um personagem único que sabia ser turbilhão, trovoadas, sinapses nos céus para, logo a seguir, tornar-se névoa doce e orvalho contido incensando a terra. Variáveis de uma personalidade complexa, cuja totalidade só pode ser entendida como resultante de histórias que se entrecruzam, entre elas a construída numa época de imensos desafios.

Anos 80, redemocratização, a busca por novos horizontes e possibilidades, a fera da ignomínia e autoritarismo enfim domados. Assis combinava firmeza nas ideias e mansidão em comunicá-las. Não desejava ser líder, apenas era. E nesse processo, sem que soubéssemos, o verdadeiro homem de ciência já estava em acelerada formação. Assoma ter sido sempre refratário ao espetáculo das aparências, buscando sempre os

resultados. De formas várias, desenvolveu a arte de abrir frestas de luz onde quer que entendesse existir escuridão.

Uma passagem na sua trajetória, nunca consegui esquecer. Eleito Presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará, foi-lhe repassada a responsabilidade de uma fala pública para trabalhadores. Ele pediu que outro assumisse a tarefa, estava tenso, não concordei. Era a primeira vez que falaria para um público estranho à universidade. Olhou para mim, eu sorri, ele subiu no palanque e arrebentou. Ao descer nos entreolhamos, no ar a sensação de dever cumprido. Assis nunca quis ser o centro de nada. Passados os anos, do jovem revolucionário, militante, presidente do Centro Acadêmico de Engenharia e do DCE-UFC, restou a consciência da revolução possível, agora nos seus termos, usando as armas da ciência.

No centro, a absoluta crença no serviço público, na finalidade pública como pressuposto. Assis Filho poderia ter seguido carreira em qualquer universidade do mundo, ou até mesmo ficado em Nova Iorque, na prestigiada Universidade de Columbia onde estudou, mas preferiu servir ao Ceará, na sua Universidade como professor. Optou por crescer intelectualmente, pesquisar, dissolvendo-se nas demandas sociais. O acadêmico repetia o passado, quando recusou ser diretor da UNE – União Nacional dos Estudantes, e sair do estado, numa época em que tal posição significava prestígio. Fincou raízes. Assumiu cargos importantes como Funceme e outros.

Sua vida haveria de vincular-se inteiramente à caatinga, ao sertão. O Nordeste inteiro tornou-se o sentido absoluto da sua luta, da sua vida. Ali ele faria a sua revolução. A

compreensão da totalidade, do sistema mercantil concreto e global, serviu-lhe para visualizar a particularidade regional, climática e social, como parte de um processo mais amplo e complexo. No último ano, alertava-me sobre a necessidade de maiores estudos referentes às singulares relações entre Amazônia e Caatinga. E estava disposto a aprofundá-las. Nesse processo, compreendeu que, ao invisibilizarem o sertanejo, o nordestino, aquele que fugindo da seca buscou salvação no Sudeste, acabaram por invisibilizar também o seu bioma, como se refratário à vida, o que obliteraria um entendimento maior, a Caatinga como um dos biomas mais ricos e diversos do planeta. Assis tinha pressa, muita pressa, mas engana-se quem acreditava que esta vinculava-se essencialmente à sua luta pessoal contra a enfermidade. Não! A sua pressa era estrutural e estava absolutamente vinculada às necessidades de uma população sofrida, cujo tempo e aflições são medidas por outros parâmetros. Seu objeto de medida era um coração imenso.

Um dos seus últimos projetos, incentivados pelo amigo Custódio, agora reitor, éramos de um mesmo grupo político, os coletivos Gregório Bezerra – concentrava-se na análise da água nas escolas. Assis queria informações sobre o padrão de filtragem dos bebedouros etc. Escreveu-me:

“Nas escolas do Ceará, o caminho das águas percorre muitos quilômetros antes de chegar ao copo de uma criança. Pode vir de um poço, de um açude, de uma cacimba, de um carro-pipa, ou de um sistema de abastecimento público. Em cada trecho desse percurso – no manancial, na bomba, na tubulação, na caixa d’água ou no bebedouro – há riscos, interrupções e pontos de vulnerabilidade que podem comprometer a saúde, o desempenho escolar e a dignidade

de milhares de estudantes”. Uma passagem simples, elegância de variáveis, mas um poderoso testemunho de alguém completamente preocupado com as pessoas.

Gosto de imaginar Assis, na sua última travessia cruzando o rio Aqueronte, seduzindo o espectral e silencioso barqueiro Caronte, e diferente de Hércules, não usando da força na ausência de moedas, mas infundindo-lhe curiosidade através de muitos questionamentos. Perguntas sobre a natureza do famoso rio da mitologia grega, como tamanho, força das correntezas, distância entre as margens, profundidade, fazendo cessar, primeira vez, a mórbida austeridade do barqueiro, agora perplexo e admirado. Há algo de extraordinário em personalidades como a do Assis Filho, elas nos deixam fundamentos perpétuos, reservas morais contra a mediocridade, falência e mal-estar no mundo. Nos guiam sob a névoa das impossibilidades e descrenças, acendendo luzes cujo combustível é haurido nas profundezas do nosso próprio ser.



AO MEU IRMÃO DE JORNADA, ASSIS: ONDE
A ÁGUA ENCONTRA A AMIZADE

EDUARDO SÁVIO PASSOS RODRIGUES
MARTINS

Meu grande irmão,

Você partiu e deixou em nós um grande vazio. Um vazio que começo a preencher com saudosas lembranças de uma caminhada partilhada ao longo de 42 anos.

Sempre me recordo do seu pai, o Seu Assis, e da sua mãe, Dona Zélia, que nos recebiam com um sorriso largo nas frequentes visitas à casa da Ildefonso Albano. E ainda tentavam, quase sempre sem sucesso, nos salvar das armadilhas arquitetadas pelos seus irmãos caçulas. Inevitável. Até hoje guardo, com um misto de riso e dor, a memória dessas traquinagens.

Era o início da nossa jornada na Universidade Federal do Ceará. Mal sabíamos, ainda como alunos, que um dia viría-

mos a ser professores da mesma casa. Você mergulhou de corpo e alma na vida universitária: foi presidente do Centro Acadêmico de Engenharia Civil e, posteriormente, presidente do Diretório Central dos Estudantes.

Vívido em minha memória está o dia em que acompanhei você no resgate de arquivos confidenciais de vigilância do SNI, diretamente da sede da Assessoria de Segurança e Informações, na Reitoria. No dia seguinte, sua foto estampava a capa de um grande jornal – salvo engano, *O Povo*. Lembro-me de uma tia sua me ligando, preocupada, acreditando que você estivesse se dedicando pouco ao curso de Engenharia Civil. Compreensível. Mal sabia sua família que aquela intensa militância estudantil fazia parte de algo muito maior: ali se construía a base do pensador crítico que você se tornaria, alguém capaz de enxergar e enfrentar uma realidade profundamente injusta.

Toda essa vivência ajudou a forjar a pessoa singular que você se tornou – amigo e conselheiro, professor, gestor e pesquisador. Com você, parte também o irmão que foi sendo construído, com cuidado, ao longo desses 42 anos. Tivemos apenas um breve hiato de convivência física durante o período do mestrado e doutorado. Depois disso, seguimos lado a lado, construindo uma parceria de décadas, sempre movidos pela vontade de pensar e construir um futuro melhor para o setor de recursos hídricos.

São muitas as razões que despertam em mim sentimentos tão profundos como os que hoje transbordam.

Como professor, você formou um grupo seletivo e diferenciado de jovens pesquisadores – não apenas como aprendizes da ciência, mas como profissionais guiados pela

ética científica e pela consciência da responsabilidade social de seu trabalho. Ao longo da sua trajetória acadêmica, você formou multiplicadores do conhecimento, muitos dos quais hoje integram o sistema de recursos hídricos. Esse talvez seja um dos legados mais marcantes da sua atuação.

Como pensador, sempre inquieto diante da complexidade do mundo, você buscou desbravar temas ainda pouco explorados por seus pares, trazendo contribuições de diferentes áreas do conhecimento. Mais do que listar projetos ou resultados, o que mais me marca é a forma como você incorporou a dimensão humana na gestão da água. Nesse processo, você não apenas formou doutores, mas aproximou o Departamento de Sociologia da UFC dessa temática – um feito raro e extraordinário. Hoje, vários desses professores seguem contribuindo em projetos do cientista-chefe em recursos hídricos.

E, falando em cientista-chefe, dificilmente poderíamos imaginar alguém que representasse melhor esse papel.

Quero agora falar de você como gestor – uma faceta que sempre admirei profundamente e que tive a oportunidade de acompanhar de perto, como diretor técnico durante o período em que você exerceu a presidência da Funceme.

Em 2001, você assumiu um dos maiores desafios da sua trajetória: conduzir a Funceme em um momento de grave crise, talvez o mais difícil de sua história. Muitos, à época, duvidavam da possibilidade de recuperação da credibilidade da instituição. Mas nós, que convivíamos com você, não tínhamos dúvida: com você à frente, o caminho seria outro.

E foi exatamente o que aconteceu. Alguns anos depois, a Funceme havia recuperado o respeito, iniciado um processo

consistente de inovação – especialmente na área de previsão climática – e, mais importante, reencontrado um rumo claro e promissor. Foi na Funceme e, posteriormente, na UFC que você consolidou uma visão estratégica de aproximação entre a academia e o setor público.

Na universidade, sua atuação também foi decisiva. Como coordenador da pós-graduação do Departamento de Engenharia Hidráulica e Ambiental, você teve papel fundamental na elevação do conceito Capes do programa, contribuindo para sua consolidação e reconhecimento.

Os desafios nunca lhe faltaram. Coube a você coordenar a elaboração do primeiro Plano Nacional de Recursos Hídricos do país – um reconhecimento inequívoco da sua relevância no cenário nacional. Entre 2008 e 2010, você também assumiu a presidência da Associação Brasileira de Recursos Hídricos em um momento igualmente delicado. Mais uma vez, você organizou, deu novo rumo e mostrou caminhos.

Meu grande amigo, somos resultado das interações humanas que vivenciamos. Algumas pessoas marcam nossas vidas de forma mais profunda e deixam marcas que o tempo não apaga.

Em mim, você permanece como o amigo, o conselheiro e o parceiro de tantos caminhos. Muito disso se deve à forma como você enxergava o outro – como você mesmo dizia: “o outro está imensamente em mim”.

Não poderia deixar de lhe agradecer por ter dado concretude à nossa ideia de criar o Centro Estratégico de Excelência em Políticas de Águas e Secas (Cepas) junto à UFC. Eu, inicialmente, pensava em um centro focado em secas,

enquanto você defendia uma visão mais ampla, voltada à política de águas. Insisti, e você, com seu humor característico, respondeu: “ao invés de CEPA, chamemos Cepas – A de Assis e S de Sávio”. Uma brincadeira que, para mim, sempre carregou um significado muito maior do que o próprio centro: era a expressão da nossa irmandade.

Tínhamos planos de estar juntos na UFC este ano, conduzindo esse projeto lado a lado. Permanecem, agora, nas mãos dos que ficam, os desafios de consolidar esse sonho e de manter vivo tudo aquilo que você ajudou a construir.

Você deixou sua marca no mundo, meu irmão – uma marca construída com inteligência, coragem, generosidade e compromisso.

Com saudade eterna e profunda gratidão,

Sávio



A LIÇÃO DE SERMOS FORTES
ELISEU BECCO NETO

Memória

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade⁴

⁴ ANDRADE, C. D. de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2022.

Um convite é o primeiro passo para a celebração de um pacto, que pode bem representar o início de uma caminhada ou de uma aventura. Assim, fui instado a participar, através da escrita, de uma homenagem a alguém que transcende os limites dos personagens que são exercidos cotidianamente durante as existências humanas. De antemão, recebi a instrução para que o texto fosse um ensaio ou uma carta, o que foi condizente com o espírito intelectualmente desafiador do homenageado. Procurei corresponder ao rigor acadêmico da ilustre personalidade sobre quem deveria elaborar o registro e encontrei a seguinte definição do que é um ensaio literário:

O ensaio literário é um gênero que desafia rótulos. Não é um artigo científico, mas também não é pura ficção. É um texto que **pensa, sente e reflete**, costurando ideias com sensibilidade e estilo. Escrever um ensaio é mergulhar em um tema e, ao mesmo tempo, mergulhar em si mesmo; uma forma de pensar em voz alta por meio da palavra escrita.⁵

Municiado pela ordem de liberdade do que seria um ensaio, evitei buscar a definição do que seria uma carta, pois definir o que nos parece óbvio pode arrefecer o que trazemos no coração. E resolvi redigir a homenagem.

Esta homenagem é para Francisco de Assis de Souza Filho.

“O outro está imensamente em mim.”

5 O QUE é um ensaio literário, e por que ele é uma das formas mais livres e profundas de pensar com palavras. Editora Typus on-line. São Paulo, 2026. Disponível em: <https://www.editoratypus.com.br/post/o-que-e-um-ensaio-literario-e-por-que-ele-uma-das-formas-mais-livres-e-profundas-de-pensar-com-pa>.

Essa afirmação foi pronunciada por Francisco de Assis de Souza Filho e é uma assertiva que traz em si a profundidade que se tem nos rios caudalosos que tanto prenderam sua atenção. Com esse aforismo, ele sobrepujou qualquer espaço físico e levou consigo seu coração, transformando o altruísmo em uma verdade pulsante.

A sua vida ímpar espelha a sua rica pluralidade de talentos e a sua reivindicação por um mundo novo se faz presente através do seu amor pela ciência transformadora da realidade de forma incontestável.

Os nomes possuem significados e Francisco é nome de rio que transborda vida e carrega sentimentos; é correnteza que entrega suavidade em meio à sua imensurável força. Força que mostra sua intensidade quando constrói paisagens e autoriza a existência de forma perene.

O Rio

*Ser como o rio que desflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.*

Mmanuel Bandeira⁶

Mergulhar em si mesmo é uma tarefa que exige um trabalho árduo sobre memórias, e o mergulho em mim pode trazer uma contribuição a tudo que representa Francisco de Assis de Souza Filho, Assis Filho, o meu irmão mais velho.

Assis Filho concedeu-me prerrogativas invejáveis por qualquer irmandade. A primeira delas foi a sua ida ao meu encontro no dia do meu nascimento. Naquela sexta-feira à tarde, um garoto de 10 anos de idade, dono de uma incomum iniciativa, partiu, desacompanhado, do seu domicílio e se dirigiu à maternidade para recepcionar o irmão mais novo que acabara de nascer. Imagino seus passos, que não foram poucos, mas não imagino o propósito que estava em sua mente ao desafiar ruas e avenidas pelas quais caminhou para atingir o seu objetivo. Mas ele chegou bravamente ao seu destino e me concedeu as boas-vindas com a embalagem de fraldas que levou a tiracolo. Assim, dele recebi o primeiro presente da minha existência.

O tempo nos conduziu para uma amizade que sempre teve alicerce na minha admiração pelo irmão extraordinário. O seu companheirismo sempre andou ao lado do seu brilhantismo: o estudante era tolerante com os pequenos irmãos ruidosos e inquietos e, mesmo assim, era excepcional. Lembro-me do nosso pai levando-nos a todos para a Beira-Mar enquanto era divulgado, no rádio, o resultado do seu vestibular. Lembro-me da alegria que Assis Filho teve ao ser recebido pelos seus amigos na volta à casa naquele mesmo dia. Cabeleira devidamente raspada, lembro-me da nossa mãe indo comprar sua boina, ela que já havia guardado devidamente o apontador com as lascas do lápis que mostrava o seu esmero na realização do concurso. A aprovação entre os primeiros lugares em Engenharia era anunciada com orgulho por nós.

Esse irmão mais velho, certa vez, usou os seus recursos financeiros estudantis para trazer-nos o primeiro bicho de estimação e, com isso, nos ensinou a cuidar de uma vida.

Ensinou mais ainda e nos apresentou o universo infinito do saber; aliás, do amor pelo saber. Foram tantas as lições de um número tão vasto de autores e referências, que me levaram, e que me levam, a crer que já havia um sábio milenar materializado em um jovem. Poesia, mitologia, literatura, ciências, filosofia, política, as partidas de xadrez, coleções e mais coleções de livros que ele explicava com a propriedade de quem já dominava todos aqueles conteúdos.

Eu queria ser como ele. Pensei: bastaria estudar, ler, e eu, inevitavelmente, poderia, um dia, debater com meu irmão mais velho sobre todo o mundo maravilhoso do saber. Porém, algumas coisas não são tão simples quanto parecem, e uma inteligência como a dele não pode ser reproduzida facilmente.

A tarefa de seguir seus passos assumiu uma outra feição: Assis Filho mostrou, em mais uma lição, que o intelecto não deve existir sem um coração. O seu amor incondicional pelas pessoas e a sua indignação com as injustiças do mundo o transformaram em um líder, em um orador inteligente, admirado por todos. Agora ele era o meu irmão revolucionário. E, com isso, trouxe a celebração da amizade para dentro de nossa casa e a sua fraternidade possui caráter tão original, que acreditamos que seus próprios amigos são também nossos irmãos. Depois o vi como grande cientista, reconhecido mundialmente, o talento que viaja pelos continentes.

Acompanhei Assis Filho tornar-se um grande e amoroso pai e tive a enorme alegria de tê-lo sempre por perto quando

vieram ao mundo os meus pequenos. Quanto orgulho em ver sua inteligência e ternura refletidas na geração mais nova, em cada criança que chegou à nossa família!

Lembro-me de uma expressão que ele usou na época da sua formatura, algo como se a sua ciência fosse uma “escrava subversiva da natureza”; natureza misteriosa que nos posiciona em mundos diferentes atualmente. E, mesmo nessa hora, Assis Filho continua a ser o irmão mais velho que nos ensina a lição de sermos fortes. E essa lição tem sido a mais dura e difícil para aprendermos.

Mas não é sempre que se deseja a fortaleza na acepção de inflexibilidade da palavra; aliás, quero ter a delicadeza para expressar o quanto o amo e o quanto o admiro. O meu irmão Assis simboliza todas essas personalidades que foram mostradas ao longo do tempo: sábio milenar, líder revolucionário, cientista brilhante, humanista, pai amoroso, enfim, figuras grandiosas que estão no semblante e na elegância de um garoto bem penteado e vivaz que conheci também por fotografias antigas. Um menino elegante e altivo que será sempre exemplar e que fará com que sempre se diga: “Quem tem algo a temer quando se tem um irmão mais velho como você?”.

Há muitos irmãos em Francisco de Assis de Souza Filho e todos eles habitam em cada um de nós. A extensão da sua alegria nos conforta, a plenitude do seu conhecimento nos guia e a convicção das suas lutas nos convence.

Nos convence de que o tempo de hoje é um tempo de espera marcado pelas águas: por uma chuva que passa, por um oceano arredio, de um reencontro que se dará na próxima curva de um rio.



A ESCOLHA DO CIENTISTA

FABIO MAIA SOBRAL



Quais os caminhos para termos uma vida mais justa? Um país que não seja tão violento com sua população e onde os ganhos não sejam majoritariamente destinados às camadas dominantes?

Tais grupos dominantes se beneficiam das situações boas e catastróficas. Eles pairam acima de bem e mal, quase dando razão a Nietzsche. O domínio dos mercados permite essa condição de semideuses. A mercadoria e o capitalismo são suas armas celestiais. Ídolos dos nossos tempos. Acima da ética, da empatia, da solidariedade com outros humanos.

E eles buscam capturar tudo: política, consciências, conhecimento e ciência, ignorância. E estabelecem um domínio fenomenal. Fenomenal em dois sentidos. Porque é gigantesco, mas fenomenal também porque é um fenômeno que só se mantém por precisar ser constantemente reproduzido.

Um fenômeno em seu sentido mais antigo, algo que aparece à superfície, mas que busca ocultar uma natureza essencial.

Há uma natureza essencial, a de que como espécie conseguimos sobreviver às duras provas que a Natureza nos impõe desde o princípio porque somos capazes de pensar nos outros, agir coletivamente, viver juntos, cuidar dos demais. O próprio indivíduo só pode existir em plenitude quando não está em luta com os demais, quando não é subjugado nem explorado por outros. A liberdade do indivíduo só pode existir em plenitude quando está a serviço da melhoria da coletividade.

A guerra de todos contra todos, de Hobbes, é a expressão do capitalismo. E como ele dizia, para ser superada deve ser feita às custas do fim da liberdade individual, só sobrando a ele liberdade da propriedade individual. Porém, uns possuem a propriedade dos meios e a grande maioria só possui a liberdade corporal.

A própria universidade foi vítima da captura do capital. A dedicação às patentes para obter lucros de produtos derivados. O uso particular dos recursos públicos em benefício próprio. A escolha dos temas de pesquisa por sua viabilidade produtiva para o capital.

Mas nem todos os pesquisadores estão nessa dimensão. Há aqueles que lutam pela coletividade, pela profunda essência humana, diríamos, com o perdão da palavra, pelo arcano antigo da coletividade.

Temos uma luta às vezes subterrânea, às vezes aberta, entre dois tipos de uso do conhecimento: os que se preocupam em lucrar, controlar e manter o poder e seus dirigentes e os

que buscam uma outra realidade, na qual possamos não só mitigar, mas superar o sofrimento humano.

Tal luta é uma batalha decisiva pela sobrevivência de nossa espécie. Já enfrentamos a extinção em momentos cruciais. A genética tem provado esses períodos de quase extinção humana.

Hoje não conseguimos divisar tal perigo claramente. Apesar de que há vozes gritando em praças públicas pelo mundo inteiro sobre a aproximação do abismo. Mas a mercadoria é cega e surda, e fala muito alto. Para a maioria da população é quase impensável que corramos tanto perigo. Pensam ser impossível abrir mão da sociedade atual e de suas formas de organização baseadas nos mercados capitalistas.

Os que bradam são silenciados, atacados, ridicularizados. Porém, a realidade material é implacável, não importam as nossas vãs filosofias.

Vivemos uma aporia: escolher o domínio de uns poucos indivíduos sobre o planeta e seus lucros extraordinários ou escolher a sobrevivência da espécie humana.

A universidade mundial e a brasileira têm sido dominadas em grande parte pela primeira opção. Mas há os que resistem. E teimam, e sofrem e lutam, como diria o poeta.

A quem serve o conhecimento? A quem deveria servir? Não são perguntas idênticas. São profundamente diferentes. Eu diria que hoje são quase opostas.

Escrevo esse texto em homenagem a um amigo que se foi, Francisco de Assis de Souza Filho, mas pensando nos estudantes de hoje.

Há outros caminhos. Não devemos seguir a manada e fazer o que o poder espera de nós.

É possível ir para a universidade e aproveitar suas estruturas: bibliotecas, laboratórios, auditórios, salas, restaurantes, quadras, dormitórios, bolsas, projetos de pesquisa, cursos de idiomas, eventos, e muitos outros. Na verdade, é preciso aproveitar essa estrutura.

É fundamental construir-se como pesquisador(a). Mas além disso, é preciso tornar-se intelectual. Pensar o sofrimento humano e agir. Há caminhos para agir, para servir à espécie humana, ao seu povo, às diversas comunidades esquecidas e violentadas por séculos de exploração e massacre.

Somos indivíduos com interesses próprios, com habilidades distintas, com sensibilidades dirigidas a locais diferentes. Porém, há algo que pode unir os indivíduos em um projeto comum, e não é a busca do lucro, o mesquinho calcular dos ganhos obtidos na exploração de outros.

É preciso pensar nos outros. É preciso pensar. É urgente perceber o verdadeiro sentido estético da vida: a possibilidade de uma vida coletiva que permita o livre desenvolvimento das individualidades.

Posso parecer um pouco arcaico ao ressuscitar o conceito do “belo”, de uma estética social. Ao contrário. Creio que a estética de uma espécie que se preocupa com indivíduos e coletividade é o mais recente, o mais urgente, o mais novo.

Precisamos de mais cientistas como foi Assis. Preocupação social, busca intelectual por soluções, cuidado com os mais pobres.

Certa vez, nas nossas juventudes, eu disse a ele: “– Assis, você está sempre preocupado”. Ele confirmou, estava mesmo. Sempre esteve. Uma preocupação não momentânea, mas fundamental.

Assis preocupava-se com os demais. Sua busca científica, mas não só também intelectual, foi por resolver problemas da população. E ele encontrou seu nicho, sua função especializada, preocupou-se em solucionar problemas da falta de água.

Alertei a ele que era preciso ir além dos canais de transporte e distribuição de água. Era preciso cuidarmos das árvores. Não há água sem árvores. Pena que não deu tempo. Eu ansiava por essa parceria. Ficamos com essa necessidade. Porém, como disse Isaac Newton, nossa tarefa será mais fácil, pois nos apoiamos sobre ombros de gigantes. E Assis foi um.

Muito grato por termos partilhado lutas comuns!



VIZINHOS DE CASA E DE ALMA

FRANCISCO SILVA CAVALCANTE JUNIOR

A rua Ildefonso Albano, em Fortaleza, recebeu a família de Assis Filho em 1977, oriunda de Senador Pompeu, no Ceará. Os seus pais Sr. Assis e Dona Zélia, juntamente com os filhos Assis, Zélia, Andrea e Roberta, encheram a nossa rua de alegria. Eu tinha 9 anos e o Assis Filho, 11. Depois assistimos ao nascimento de Eliseu, Álvaro e Rodrigo.

Não demorou muito e os meus pais se tornaram amigos dos pais de Assis Filho. Entre as nossas casas existia somente uma outra casa que nos separava, posteriormente demolida, para a construção de um edifício de apartamentos. Todas as noites, depois do jantar, mamãe e papai se dirigiam para a casa do Sr. Assis e da Dona Zélia, onde se demoravam em prosa agradável na varanda da casa deles, localizada em um terreno repleto de árvores.

Dona Zélia fazia crochê muito bem e mamãe aprendeu os seus primeiros pontos com ela. Praticava em casa e à noite tirava as suas dúvidas com a amiga, enquanto conversavam sobre os seus cotidianos. A mãe e o pai de Assis Filho eram funcionários do Banco do Brasil e viviam rotinas cheias.

O chão de areia da casa deles era a nossa arena de brincadeiras. Entre pega-pega, jogo de bilas e outros, o meu pai, professor de Matemática na UFC e na Unifor, conversava com o sempre curioso Assis Filho. A sociedade do futuro e as máquinas que ainda estavam por vir alimentavam a imaginação dos dois, que adoravam matemática e se encantavam com a notícia sobre os potentes computadores que estavam sendo desenvolvidos no mundo.

No ensino médio, estudei no Colégio Militar de Fortaleza e ele no Colégio Cearense. Não tínhamos a matemática em comum, a matéria escolar que sempre me foi difícil (filho de peixe, peixinho não é). A poesia e os livros faziam a nossa ligação. Assis Filho sempre esteve à frente da sua idade e me apresentava os autores que descobria, especialmente na coleção *Os Pensadores*. Os escritores críticos eram os seus favoritos. Leu Karl Marx ainda no ensino médio e me dizia que queria acabar com as desigualdades do mundo.

Os seus pais eram de uma bondade que nunca vi igual. O seu tio Eliseu, engenheiro civil, foi fonte de estímulo intelectual para todos nós. As irmãs de Dona Zélia eram generosas como ela. Guardo memórias vivas do casamento de Eliseu com Lúcia, uma outra mulher gentil com quem tivemos a alegria de conviver. Entre brincadeiras de adolescentes e conversas de adulto, seguiram-se os nossos dias de vizinhos e de amigos.

O primeiro computador pessoal conhecemos juntos, no início de 1990, quando o papai adquiriu um CP-500, com a difícil linguagem *Basic* de programação. Lembro-me da alegria de Assis Filho, estudante universitário, festejando a novidade ao lado do meu pai em nossa casa.

Nos tempos de universidade seguimos caminhos diferentes. Ele foi para as Exatas e eu segui para as Humanidades. Curioso como sempre foi e sedento por novos conhecimentos, passou a ler Sigmund Freud como modo de interlocução comigo e foram inúmeras as trocas mediadas pela psicanálise, sempre levada para o contexto social, o seu campo de interesse e de militância.

A sua participação no Movimento Estudantil, como integrante do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFC, foi campo fértil para aplicação do que estudava com muito afincio. Contou com o apoio dos seus pais que, ao se mudarem para a casa de número 1528, na mesma rua, emprestaram a casa de número 1529, para os encontros do movimento estudantil. Na minha casa, de número 1495, havia uma biblioteca com muitos títulos e acervo sempre disponível para a leitura de quem desejasse. Os livros de Psicologia tornaram-se os prediletos de Assis Filho.

Em 1992 segui para cursar o mestrado nos Estados Unidos, no mesmo ano em que ele concluiu a sua graduação em Engenharia Civil na UFC. Durante as minhas férias, em Fortaleza, falar sobre a minha experiência de pesquisa na América do Norte alimentava o seu interesse por centros mais avançados de estudos, projeto que se concretizou em 2007, quando realizou estágio de pós-doutorado em Nova Iorque.

O caminho da docência foi a nossa escolha em comum. Em 1995, ele ingressou como professor na Universidade de Fortaleza – Unifor, enquanto eu terminava o meu doutorado na *University of New Hampshire*. Em 1998, também iniciei a minha carreira docente na Unifor. Em uma das minhas disciplinas de Psicologia, aplicamos o jogo para uso consciente da água, desenvolvido por ele em tese de doutorado, e me recordo do seu entusiasmo ao pensar o comportamento humano, diante da capacidade de escolha dos indivíduos, em uma turma de estudantes da ciência comportamental. Mais uma vez, o interesse no estudo do comportamento humano nos manteve próximos em amizade e interesse comum. Em 2008 ele ingressou, por concurso público, na UFC e eu segui o mesmo caminho em 2009.

Na UFC, os nossos encontros se tornaram mais escassos, mas a alegria das nossas conversas na adolescência se renovava, com a mesma intensidade da amizade, sempre que uma nova oportunidade se apresentava. O seu carinho por minha família é sentimento mutuamente cultivado até hoje, com vínculos fortes com a sua mãe, irmãs e irmãos. Os nossos pais faleceram em datas próximas. As nossas mães se tornaram porto seguro uma para outra, mesmo depois da mudança de casa da mãe dele para um bairro mais distante. Nesta nova casa, minha mãe fazia visita semanal e de lá retornava renovada de carinho recebido de todos. Dona Zélia e Dona Bemvinda foram grandes amigas até o falecimento da minha mãe.

Assis Filho foi um verdadeiro guardião da água, esse elemento da natureza que oculta um mistério insondável da própria vida em constante mudança. Assim como as correntezas dos rios, ele enfrentou turbulências sem abandonar a

harmonia. Com exímia fluidez, conseguiu dissolver ou contornar os obstáculos em seu caminho.

A sua missão existencial consistiu em conectar pessoas e sustentar vínculos fortes. Ele soube cultivar a liberdade do pensador com criatividade e imaginação. Foi um ser visionário e dotado de aspiração valorativo-espiritual, que me faz lembrar a dádiva de um poeta, com sua capacidade de olhar do íntimo para enxergar as belezas da vida.

Assis Filho foi o mais humano dos humanos, um sábio que foi capaz de acessar profundezas ainda desconhecidas pela humanidade. Uma vez me contou que viu a Luz Dourada iluminando todo o seu leito na UTI. Pediu a ela, um pouco mais de tempo e viu-se contemplado em seu pedido. Viveu o que foi possível no tempo restante. Ele tinha consciência da sua finitude e sobre ela conversamos longamente. Leitor de João Anzanello Carrascoza, sabia que “morrer não é sanção, castigo, pena. Morrer é o presente dado à vida que se cumpre.”

UMA SOCIOLOGIA DAS ÁGUAS NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA⁷

IRLYS BARREIRA



O princípio de que ideias inovadoras são perenes reafirmou-se desde o momento em que o professor Assis Filho fez sua travessia, deixando muitos caminhos abertos. Como idealizador do intercâmbio acadêmico entre pesquisadores das áreas de Ciências Sociais e Recursos Hídricos, Assis convidou Cesar Barreira para coordenar a equipe de Sociologia, no âmbito do projeto Capes Print. O convite materializava sua percepção refinada de que os recursos hídricos não estão desvinculados de processos sociais. Os projetos institucionais interdisciplinares viabilizariam, portanto, uma estratégia eficaz de reunir teorias e pesquisadores para além das repartições convencionais do conhecimento. Desse modo, saberes usuais mas não exclusivamente técnicos, tais como os produzidos no curso de Engenharia, somaram-se às teorias próprias

⁷ Este artigo teve uma primeira versão publicada no Jornal *O Povo*, em 8 de abril de 2026.

das Ciências Sociais, permitindo sistematizações criativas. Foi no decurso dessa vivência e troca de conhecimentos interdisciplinares que Assis propôs ainda um outro desafio. Convidou a mim, Leonardo Sá, Sandra Aquino e Daniele Costa para elaborarmos uma reflexão mais sistematizada sobre tema que ele próprio nomeou de “Sociologia das águas”. Gostaria que pensássemos de que maneira variáveis interdependentes, tais como disputas, visões de mundo e representações sobre a natureza, interferiam nos usos e modos de gerir os recursos hídricos. Como leitor de muitos autores da Sociologia, Assis sabia que a água envolvia processos sociais, culturais e políticos. Não bastava só pensar na presença ou ausência desse bem, por vezes escasso, mas entender seu percurso sinuoso em contextos sociais variados. Acreditava ainda, como um bom leitor de Habermas, que era possível a construção de consensos feitos com base na argumentação e comprovação da eficácia de modelos de gestão da água. As reuniões que tivemos oportunidades de participar em municípios do interior do estado, com representantes de bacias, foram nos mostrando as prioridades discutidas na alocação das águas. Ali estavam evidentes noções de direitos com acenos ao meio ambiente e definição de prioridades. Os cenários expostos em gráficos informavam o limite de gasto da água, em nome da previsão e preservação da natureza. Não bastava escolher para onde alocar as reservas, mas observar a linha limite do consumo da água. A estratégia de reserva, baseada na previsão, constituía um dos enfrentamentos eficazes para evitar a dependência de fatores climáticos. Havia ainda o “dia da água”, descanso e agência de um bem contra os imperativos próprios do mercado. Em suas palestras, Assis discutia o antropoceno, a vida a longuíssimo prazo, antes ou depois de nós. E o que seria uma sociologia das águas?

O pesquisador dos recursos hídricos nos apresentava a água exportada nos produtos e as opções de investimento: água para a Coca-Cola, irrigação, ou pequenos produtores? A água visível e a água invisível no consumo traziam à tona os princípios da mercadoria como bem de uso ou bem de troca, com suas leis de aplicação e partilha.

A sensibilidade científica do Assis provocava visões de largo alcance. Assim, enveredamos por afluentes sociológicos, observando a participação de usuários nos comitês de bacia, os conflitos pela alocação de recursos hídricos e as práticas de gênero na gestão da água. Desenvolvemos sociabilidades novas, não só entre colegas de outros departamentos na universidade, mas na relação com pequenos produtores, irrigantes e demais usuários. Interessei-me particularmente pelas formas de participação de atores sociais no processo de alocação, destacando, ainda, um recorte de gênero presente no modo como as mulheres usavam a água, ou buscavam representar seus direitos em instâncias decisórias de alocação. A coletânea nomeada *Economia política das águas no Ceará*⁸ sintetizou parte dessa experiência feita por muitas mãos, contendo o conjunto de pesquisas produzidas pela equipe interdisciplinar da UFC. Assis contribui na coletânea em vários artigos, mostrando sua eficiência e generosidade na repartição de suas hipóteses.

O tema da história dos recursos hídricos no Ceará gerou ainda uma idealização de registro histórico. Assis vislumbrou a criação de um memorial voltado para narrar os cenários da seca e o atual modelo de gestão das águas caracterizado pelo uso planejado dos recursos hídricos.

8 BARREIRA, C. et al. (orgs.). *Economia política das águas no Ceará (alocação, conflitos, participação)*. Fortaleza: Pontes, 2025.

Quando visitei o museu interativo da UNAM, no México, com máquinas que calculavam a água investida em produtos, partilhei fotos com Assis sobre a materialização de sua ideia. Imaginava ele a importância de um projeto que atingisse a área de Educação, contribuindo para o incremento de nossa história cultural e política. O memorial sobre a história dos recursos hídricos no Ceará iniciou os primeiros passos. O pesquisador visionário cruzou outros caminhos nas “águas de março” e deixou, tal como na música de Jobim, promessas de vida em muitos corações.



ASSIS FILHO, CIENTISTA DAS ÁGUAS E DOS AFETOS

JOÃO ALFREDO TELLES MELO

Nossa Universidade Federal do Ceará, minha *alma mater*, em boa hora, resolve homenagear, *post mortem*, o seu ilustre e profícuo aluno, professor e pesquisador – um dos maiores! –, que foi (e será sempre) Francisco de Assis de Souza Filho, o nosso (e)terno Assis Filho. Honrado por compor este livro-homenagem, busco me desincumbir dessa tarefa tão desafiante quanto prazerosa: escrever sobre um ser humano da estatura de Assis, tantas são as suas qualidades de pessoa singular e multifária.

A tentação, no primeiro momento, é procurar as identidades que nos aproximaram ao longo da existência e encontro aqui algo que moldou a ideologia e o compromisso para o resto de sua (nossas) vida(s). Como tantos que ainda militam em outras áreas do saber e do fazer, fomos iniciados na práxis política pelo movimento estudantil universitário; eu, no final dos 70s do século passado (na reabertura do Centro

Acadêmico Clovis Bevilacqua, da Faculdade de Direito), ele, dez ou quinze anos após, à frente de nosso Diretório Central dos Estudantes

A compreensão da formação socioeconômica das sociedades, o entendimento do significado da luta de classes como motor das revoluções para superar o regime do capital, o ensinamento de que só a luta – aliada à teoria – pode nos levar a um compromisso sociopolítico que ultrapassa o breve período dos bancos das universidades, são legados imperecíveis. Muitos de nós carregamos, com orgulho, essa marca impressa em nossos caracteres.

Não pode haver nenhuma dúvida de que todo o seu compromisso, na qualidade de professor e pesquisador, com a elaboração de uma política de águas, voltada para a justiça hídrica, vem dessas sementes político-ideológicas plantadas à época da militância estudantil. Assim como é absolutamente justo e verdadeiro afirmar que não se pode pensar em todos os avanços em nossa política pública de recursos hídricos sem a contribuição qualificada, porque inteligente e comprometida com a superação da desigualdade social, de nosso querido e saudoso Assis Filho.

E foi, a partir daí, já agora nestes últimos tempos de Assis conosco que pude experimentar da inteligência e do comprometimento dele quando o órgão que eu dirijo, o Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará (Idace), necessitou dele para ajudar a formatar nosso projeto do Cientista-Chefe, uma potente parceria com a UFC e a Funcap, a nossa Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Ele, que era cientista-chefe de recursos hídricos, abrigou, no primeiro momento, nosso projeto idaceano.

Mas, não ficou aí. Posteriormente, ele já estava animando um grupo de professores e alunos para contribuir, no estudo das questões hídricas e energética, para a viabilização do primeiro assentamento irrigado do estado do Ceará, proveniente do Acampamento Zé Maria do Tomé, na Chapada do Araripe, em Limoeiro do Norte.

Pouco antes de sua última e derradeira viagem, que foi a São Paulo, nos encontramos para debater uma parceria entre o Idace e o Cepas – Centro Estratégico de Excelência em Políticas de Águas e Secas –, que ele coordenava na UFC, não só para viabilizar, com segurança hídrica e energética, esse novo assentamento, mas, também, para formular uma política de águas e secas para os demais assentamentos estaduais geridos pelo nosso Instituto de Terras.

Nesse nosso último (e saudoso) encontro, pude ver aflorar alguns desses traços que sempre fizeram o nosso Assis ser tão admirado. Apesar da doença, que ele já enfrentava há um bom tempo, o bom humor, a animação e o desejo de contribuir, com toda sua enorme carga de conhecimentos, com a reforma agrária e a agricultura familiar, nos envolviam, nos sensibilizavam e comoviam.

Por isso, no título, falei de afetos. Assis era pura afeição. Intelectual de nomeada, acadêmico respeitadíssimo em todo o país, no entanto, eram sua simplicidade, sua serenidade, seu bom humor, seu carinho mesmo com quem estivesse tratando, o que nos cativava mais profundamente. Não se passava pelo Assis impunemente, sem que, desde o primeiro contato, não deixássemos de ser capturados pelo seu carisma.

Mas, o afeto é também sinônimo de se afetar. Assis sempre se afetou com as questões de nosso tempo, seja a preo-

cupação e combate a uma conjuntura marcada pelo horror do fascismo, seja a premência de se pensar em soluções viáveis para garantir a cada camponês o acesso à água para o consumo, o bem viver e o desenvolvimento.

Por último, uma nota mais difícil, porque tocante, alusiva às homenagens que assisti, durante o velório no Salão de Atos de nossa UFC. Permitam-me aqui destacar as falas revolucionárias de todos seus camaradas de movimento estudantil e de organização, a belíssima oração de sua filha, a um só tempo amorosa e corajosa, o encontro de tantos amigos e companheiros de toda a vida de Assis.

Uma fala especialmente me comoveu profundamente, a de nosso reitor Custódio Almeida, que, com Assis, teve uma convivência muito próxima (não sei se vou conseguir traduzir ou se já trago aqui minha própria interpretação). Custódio se referiu à serenidade e à coragem com que Assis não só viveu seus últimos dias, mas como encarou a morte, se preparando e preparando os seus para o momento mais difícil e decisivo de toda e qualquer vida. Custódio disse – e isso me deixou muito impressionado – que Assis ficou amigo da morte, dado que não a temia e que, com ela, desenvolveu uma afeição muito própria.

Não há como – e aqui, finalmente, concluo – deixar de pensar em seu xará histórico, o santo pobrezinho de Assis que a tudo nominava de irmão e irmã: o irmão sol, a irmã lua, o irmão lobo, todos os irmãos humanos e, também, a irmã morte: ele, São Francisco, que era um homem de uma fé e de uma crença inquebrantáveis.

Pois bem, o nosso Francisco, que não era da cidade italiana de Assis, mas de nossa sertaneja Senador Pompeu, do

santo herdou os melhores sentimentos de amor e simplicidade, sabedoria e bom humor, o que o torna eterno para todos que com ele conviveram, com ele aprenderam e por ele foram beneficiados.

Salve Assis Filho, meu camarada!

Os que aqui ficamos te saudamos e contigo nos comprometemos a honrar tuas bandeiras, que também são nossas!



ASSIS, FRAGOR D'ÁGUA

JORGE SOARES

Assis e eu somos contemporâneos desde a graduação na Engenharia Civil da UFC. Dividimos salas, projetos, sonhos e até o papel de orador da nossa turma, João de Barro. Foram muitas conversas sobre a vida e a engenharia. O sólido e o líquido guardam mais semelhanças e poesia do que supõe a técnica. Sempre reconheci a assimetria na nossa relação, com ele me ensinando mais, em repertório e em generosidade.

Assis tornou-se uma referência constante; a de maior impacto na minha vida, entre os da nossa geração. Disse isso a ele de muitas formas. Não pelas realizações visíveis (DCE, Funceme, Cientista-Chefe de Recursos Hídricos, Cepas), mas pela forma como conduzia a própria trajetória, dentro e fora do trabalho. Havia nele uma combinação pouco comum: rigor intelectual, discrição e atenção real ao outro.

Era alguém querido em diferentes círculos, e não era diferente na minha família. Meus pais e irmãos, minha mulher e meus filhos, todos reconheciam sua grandeza. Transitava entre ambientes distintos com a mesma naturalidade: sem esforço aparente, sem necessidade de afirmação.

Em momentos difíceis da minha vida, sua atuação foi direta e silenciosa. Uma presença que organizava. Que diminuía o ruído. Que permitia seguir. Havia também o gesto, um traço pessoal, quase fora de época. Cumprimentava-me com um beijo. Gostava de nos comparar a personagens de *Star Trek*: ele, Spock; eu, McCoy. A leitura era simples: Assis operava com clareza racional, método e consistência. Ao mesmo tempo, compreendia a dimensão humana das situações, sem reduzir uma coisa à outra.

Na defesa do seu Memorial em 2025, emocionei-me ao vê-lo percorrer os rios da própria vida. Escolhas definem caminhos; alguns permanecem latentes. Há também a recusa de uma visão estreita de produção acadêmica. Em um ambiente frequentemente orientado por métricas, Assis operava em outra escala. Seu impacto não se esgota em artigos, projetos ou cargos. Está, sobretudo, em formar pessoas, compreender contextos, sustentar processos coletivos.

No percurso deste homem raro, emerge uma imagem que ele mesmo sinaliza: *é na foz do rio que se ouve o murmúrio de todas as fontes*. Ali, trajetórias se encontram e o que foi vivido se organiza em sentido. Todo rio é mais do que mostra na superfície. Assis sempre será vários rios, pela sua capacidade de integrar e manter fluxo. Os rios Banabuiú da sua infância e Pajeú da sua adolescência. Rios de São Paulo e de Nova Iorque. Rio Cocó e rio Ceará. De todos esses, as águas se-

guem. São águas de um Assis que permanece fonte; na sua família; em Leila, Letícia e Vinícius; e em todos nós.

Em março de 2026, lemos e rimos juntos passeando por trechos de um diário de viagem de Bashō (1644–1694), mestre do haikai, um gênero que, de forma breve, diz o essencial. Entre trilhas e jardins de palavras, um conhecido haikai tropical, próximo do seu estar no mundo:

*a vida tratou-me bem
tive como quando onde
e nunca faltou-me quem*



CARTA AO AMIGO-IRMÃO, PROFETA DAS ÁGUAS, ASSIS

NEWTON ALBUQUERQUE

Assis,

Meu amigo, irmão por escolha da vida, tenho sentido sua falta. Por vezes me flagro ainda querendo lhe ligar pra pro-sear, pensar junto coisas, traçar iniciativas conjuntas, marcar um vinho, encontros, etc. Enfim, quando amamos alguém o trazemos sempre no peito e na cabeça, eterna presença em que já não se distingue o nosso eu daquilo que é resultado da interação com o outro. Por isso, cada vez entendo melhor a tristeza daqueles que ficam depois da partida de quem amam. Pois na verdade, vão com eles, nacos de si mesmos, pedaços significativos do que foram por meio do diálogo de almas.

Entretanto, Assis, você, em sua generosa grandeza, ensinou-nos algo a mais, a superar os limites da tristeza, da crispação moral, a viver com compromisso visceral, sentindo-se responsável eticamente pelo que fazemos a partir desse ato

de gratuidade aleatória da vida com que fomos brindados. Assis, você sempre conheceu essa verdade, a vida tem que ser vivida, autenticamente, em cada minuto, conversa ou encontro fortuito. Não podemos adiar a felicidade, sombrear o presente pelo medo do futuro, ou prender-se às mágoas do passado. Você viveu e viveu plenamente, com rara intensidade e vivacidade. Nesse sentido, sua partida precoce não impediu a trajetória larga de seu percurso. Viveu e transvive em muitos, profundamente em Leila, Letícia, Vinícius, seus irmãos Zélia, Andréa, Roberta, Eliseu, Álvaro, Rodrigo, da doce Dona Zelinha, do inesquecível Seu Assis, da infinidade de amigos, camaradas e admiradores.

Raivas, ressentimentos, soberba não atravancavam seu espírito, nem estimulavam vinganças, rivalidades. Diante de uma conduta ingrata, uma palavra grosseira, uma esquiva injustificada de alguém conhecido, você ponderava, especulava, atribuía às ações motivos decorrentes de um mau momento, de circunstâncias passageiras. Preservava a pessoa, salvaguardava a memória positiva entretida com ela. Preferia ser ferido por uma injustiça do que perpetrá-la contra alguém. Sereno, doce, racional, sensível, dotado de um raro poder de escuta, ao mesmo tempo que forte, firme em suas convicções, leal aos amigos e às boas causas, você estava sempre disponível à conversa, aos bons argumentos, à diversa fauna do humano.

Lembro-me, Assis, quando fazíamos movimento estudantil, ocasião em que muitas vezes em meio a violentas refregas, lutas doutrinárias, patriotismos partidários, febricitantes empolgações revolucionárias, conseguíamos estender pontes, nos entender até quando divergíamos. Ao contrário de tantos, nunca vi em seus olhos um átimo de ódio, de

sectarismo pessoal, de ânimo de detratção contra ninguém. Desde esse tempo, lhe reconheci como um amigo eterno, ambos ligados pela empatia profunda, pelo sentimento, pela fé secular no comum. Mas, Assis, creio que sua presença grandiosa está mais presente do que nunca. Nesses dias de chuvas intermitentes, de cheia, de sangria de açudes, de desbordamento das águas, sinto como se você ainda estivesse aqui. Afinal a água é sua fraterna companheira, substância universal que, desde os gregos na antiguidade, trazia unidade intelectual ao existente. Você mesmo é como rio caudaloso, constante e perpétuo como a justiça, fluido e sensível às manifestações de variados organismos, integrado à natureza e à totalidade do real.

Assis você criou novos caminhos, margeou o inóspito das dificuldades institucionais, esteve sempre atento à irrigação de tantas vidas sequiosas de sua inteligência fértil, comunicativa e indutora de enlaces de gente, de saberes, de pensabilidades e ações práticas transformadoras do meio. Mais do que isso, você foi um incansável promotor de encontros, de diálogos entre saberes, estes, por vezes, cercados por muros e desconfianças disciplinares. Sua capacidade de “fazer chover”, de abrir comportas, de traduzibilidade de lógicas distintas de ver a realidade, nos desafia a permanecer fiéis a seu compromisso com o conhecimento enquanto atividade ética, individual e coletiva, feita de certezas, mas preñhe de dúvidas, de indagações, de eterno aprendizado com os outros, mesmo em relação àqueles declarados “ignorantes” por um presumido saber dogmático e hierático. Precisamos de um saber vivo, capaz de reencantar-se com o mundo, experimentá-lo como uma alegre diversão, veia humorística, apostando, sobretudo, que ele deve expandir seu compro-

misso com a natureza e a sociedade, especialmente com os esquecidos da história.

Semana passada, ao passar pelo Pici, pude rever o Cepas, que você criou para pensar a seca, estabelecer uma mais ampla e sistemática reflexão científica sobre o clima, o solo, o regime pluviométrico de nosso estado, mas também do Nordeste, sem esquecer a cultura, a sociedade civil, as nuances de costumes, crenças do ser sertanejo em nexos com as possíveis soluções de convivência com o semiárido. Assis, meu amigo, irmão, você também está ali, pulsante, mirando o açude, aferindo o fluxo das águas, inspirando as dúvidas e certezas de todos que trabalham no Cepas.

Por fim, Assis, queria me despedir nessa missiva com um singelo até logo, certo de que ainda temos vários encontros marcados, conversas sem fim, brindes a fazer, pois você como o Mestre Yoda nos municia com os fluidos do “lado bom da força”, da aposta no triunfo da conspiração da vida, na arte da navegação filosófica em mares procelosos, no amor espraiado que nem seu xará São Francisco, rio-mar a se derramar pelo Nordeste, definindo identidades culturais, atravessando terras, caminhos, comunidades em festiva alegria, em úmido desafio à fatalidade histórica, aparentemente inevitável da seca. Mas Assis, você sabe como ninguém, nada é inevitável, nem definitivo, só a perseverança do amor eternizado em nós, nas lembranças, nas marcas indeléveis das obras, exemplos, gestos, isso nunca fenece. Assis presente!

Um abraço do seu amigo-irmão,

Newton



A GRANDEZA NA SIMPLICIDADE

RENATA MENDES LUNA

Falar do Assis é um paradoxo: uma tarefa simples e, ao mesmo tempo, bastante complexa. Simples porque ele sempre foi um ser humano na essência da palavra – acessível, próximo, presente, admirado por todos e de uma humildade marcante. Complexa pela riqueza de ideias, pela grande capacidade e pela diversidade de pensamentos que impressionavam e instigavam todos ao seu redor.

Assis tinha essa capacidade rara de transitar entre a profundidade e a leveza. Pensava, refletia, questionava, mas nunca se colocava acima de ninguém. Sua grandeza se revelava justamente na forma simples, generosa e acolhedora com que se relacionava. Sua notoriedade nunca foi barreira – era, antes, um convite à aproximação.

Fascinante nas conversas, tinha uma empolgação eterna e contagiante – daquelas que envolvem, inspiram e permanecem. Conversar com Assis era sempre uma experiência rica,

não apenas pelos temas, mas pela energia com que compartilhava suas ideias.

Um amigo sempre presente, mesmo à distância. Daquelles que não precisam estar fisicamente perto para se fazerem presentes. Com ele, a amizade ultrapassava o tempo e o espaço, sustentada por respeito, admiração e afeto genuíno.

Nossas vidas se entrelaçaram em diversos momentos: como contemporâneos na graduação, na escola dos filhos, na Cogerh e, novamente, na UFC. Caminhos que se cruzaram e se reencontraram ao longo de décadas, fortalecendo uma convivência marcada por parceria, aprendizado e amizade verdadeira.

Nos últimos dias, nas minhas idas ao hospital, levava comigo a vontade sincera de transmitir esperança e energia, na expectativa de uma melhora, de um conforto. Era uma forma de retribuir, ainda que minimamente, tudo aquilo que ele sempre representou: força, entusiasmo e vida. Apesar de, como engenheiros, entendermos perfeitamente quando a máquina já não mais responde, eu não conseguia confirmar, no meu olhar para você, o que estava acontecendo. Na verdade... eu não queria lhe dizer isso, nem mesmo com o olhar, nem queria aceitar que estivesse acontecendo. Queria acreditar que, todos juntos, ainda conseguiríamos reverter.

Tive a honra de tê-lo conhecido e de conviver mais de perto com alguém que foi fundamental na transformação da gestão dos recursos hídricos no Ceará – alguém que deu forte ênfase às questões sociais, que trouxe para o centro do debate as mudanças climáticas e que sempre promoveu a abertura às novas tecnologias, tanto no campo da engenharia quanto no campo social.

Assis deixa essa marca rara: a grandeza de sua capacidade aliada a uma simplicidade genuína, que o tornava, acima de tudo, profundamente humano. Sua presença permanece nas ideias que inspirou, nas relações que construiu e na memória de todos que tiveram o privilégio de conviver com ele.

Obrigada por tudo, obrigada por tanto, amigo querido.



PEQUENAS REFLEXÕES SOBRE UM GRANDE HOMEM

TICIANA MARINHO DE CARVALHO STUDART

Assis foi um ser humano iluminado e generoso, e um cientista brilhante – uma combinação extremamente rara.

Muito do que falo aqui neste texto tive a felicidade de dizer para ele, pessoalmente, na sua banca de Professor Titular da UFC há alguns meses, a qual tive a honra de presidir. Tive a chance de dizer o quanto eu o admirava, como me honrava a nossa parceria e que eu o considerava um irmão. Simples, modesto, como só os grandes sabem ser, ficou emocionado e me perguntou se eu poderia mandar depois para ele esse texto, para ele guardar... Ahhh, Assis, só você...

A trajetória profissional de Assis pode ser resumida em duas palavras – dedicação e inovação. Sua atuação na orientação de trabalhos foi, sem dúvida, um dos pilares de seu legado. Assis foi um farol para jovens pesquisadores. Muitos alunos de iniciação científica o seguiram até o doutorado, inspirados por sua filosofia de incentivá-los a trabalharem

com o estado da arte do conhecimento. Assim, Assis formou muito mais que doutores: formou pesquisadores competentes, autônomos e admiradores.

Sua produção intelectual – artigos em revistas de alto impacto, livros e palestras – atesta um vigor científico contínuo e uma contribuição significativa à área de Recursos Hídricos. A coordenação de projetos de pesquisa de grande envergadura, nacionais e internacionais, com financiamento expressivo, demonstra sua capacidade de liderança e sua busca incessante por soluções inovadoras para desafios complexos.

Observa-se, com clareza, a coerência que pautou sua trajetória. Desde a formação inicial até as posições de destaque que ocupou, houve sempre o foco nos recursos hídricos abordados sob múltiplas perspectivas – da modelagem hidrológica e qualidade de água à economia, ao planejamento e à gestão de secas. Essa competência ímpar, construída ao longo dos anos, sempre foi reconhecida por seus pares. Nosso mestre e saudoso amigo professor Nilson Campos o descrevia como uma das pessoas mais inteligentes e criativas que havia conhecido. Um gênio reconhecendo o outro. Agora os dois estão juntos e poderão conversar longamente sobre as águas do Ceará.

Consola-me saber que ele pôde testemunhar, em vida, a importância de seu legado: Assis recebeu as mais importantes honrarias de sua área – a Medalha Engenheiro Francisco Aguiar, o Prêmio Flávio Terra Barth, a Medalha Paulo de Frontin e a Medalha 70 Anos da UFC. Fez parte também da Academia Cearense de Engenharia.

Sua visão de que “o conhecimento aplicado não pode ser de estante” e a busca genuína por entender as necessidades

da sociedade culminaram em iniciativas de grande relevância. Sua atuação como Cientista-Chefe em Recursos Hídricos desde 2018 foi fundamental para a utilização da pesquisa na inovação de políticas públicas e na gestão das águas do Ceará, materializando sua crença na relação íntima entre pesquisa e extensão – “duas faces de uma mesma moeda”.

Assis sonhou com uma instituição de fronteira – um *hub* de conhecimento e inovação que articulasse academia, setor público e privado, numa tripla hélice. E assim criou o Cepas – Centro Estratégico de Excelência em Políticas de Águas e Secas na UFC. Seu sonho mais recente era criar o Memorial das Secas, também na UFC.

Apesar de ser um pesquisador de ponta, Assis amava profundamente a sala de aula. Sua dedicação ao ensino manifestou-se nas muitas disciplinas que ministrou na graduação e pós-graduação. Assis nunca se afastou das salas de aula, em nenhum momento do longo tratamento de saúde. Tive o privilégio de dividir com ele o ensino de Hidrologia, e “Assis foi Assis” também em sala de aula – filmava experimentos, gravava aulas em vídeos (bem antes da pandemia), discutia problemas reais de engenharia com seus alunos e descobriu depois que o método que aplicava empiricamente tinha nome e teoria que o embasavam: era a “sala de aula invertida”.

Esse método, aparentemente simples, demandava na verdade grande esforço e conhecimento teórico e prático. Eu que o diga – enfrentei esse desafio inúmeras vezes, principalmente quando Assis pedia que eu o substituísse em sala de aula devido a algum compromisso. Nessas ocasiões, Assis demonstrava gratidão de uma forma tão genuína, que eu invariavelmente respondia: “não estou fazendo nada que você

não faria por mim”. E ele concordava. De fato, à simples menção de um possível pedido meu, Assis ria alto, daquele modo inconfundível, e dizia: “a resposta já é sim, depois você só me diz o que é”...

Poucas pessoas são unanimidade – Assis foi. Era muito amado, respeitado e admirado por sua família, amigos, colegas, alunos e até por quem nunca teve o privilégio de conhecê-lo pessoalmente. Assis sempre esteve à frente de seu tempo. Questão de gênero? Assis era o mais feminista das feministas... rrsrrs. Todas as coordenadoras de seus projetos eram mulheres. Ah, Assis, você fará muita falta. À sua família, aos seus amigos e ao mundo.



PS:

Um episódio engraçado marca o primeiro parágrafo do Memorial de Professor Titular de Assis. A bordo de um Uber a caminho do Aeroporto de Fortaleza, conversava com sua amada Leila sobre a escrita do referido documento e discutiam em que ele se diferenciaria de uma autobiografia. O motorista, atento à conversa, perguntou: “O senhor é famoso?” Assis prontamente negou com um sorriso e disse “Sou famoso somente na minha casa.”

Em tempo: Após o lançamento do livro *O guardião da água*, gostaria muito de enviar um exemplar a este motorista para ele saber quem era seu ilustre e modesto passageiro... rrsrrs.



CAMARADA ASSIS FILHO
ZÁKIA DOS REIS BARROSO

Na metade dos anos 1980, Assis Filho e eu cursávamos Engenharia Civil no Campus do Pici (UFC), em Fortaleza.

Aproximamo-nos pela convergência de interesses na participação do Movimento Estudantil.

Incontáveis foram as vezes que percorremos todo aquele *campus*, passando pelo Básico, RU, Biblioteca Central, blocos das Engenharias, até a Agronomia.

Semeando sonhos e lutas, encontramos companheiros que nos enchiam de energia e alimentavam nosso engajamento na reconstrução das entidades, no fortalecimento de coletivos e de partidos, e no impulsionamento das diversas frentes de ação da juventude e do povo brasileiro.

O ambiente na UFC, à época, era eletrizante.

Repercutia intensamente uma cultura democrática contra a ditadura que agonizava no país.

Esse choque entre a utopia e a realidade nos impulsionava ao estudo da realidade nacional e mundial, e das lutas históricas dos trabalhadores, em que buscávamos inspiração para a construção de um projeto de sociedade sem opressão, sem desigualdades e sem as misérias humanas que nos sufocavam.

Eram tempos em que a juventude, o movimento operário, os camponeses e a classe média estavam em plena agitação, com suas lutas diárias, greves, denúncias, reivindicações e protestos, abrindo caminho para um novo período de liberdades e conquistas, que, como acreditávamos, nos levaria a um mundo socialista.

Nesses fragmentos da luta diária, construímos nossa amizade.

Nossa participação no Movimento Estudantil rapidamente ultrapassou os limites da universidade e da juventude para mergulhar nas lutas populares, em que o incansável Assis encontrou a matéria-prima para construir sua personalidade, juntamente, com suas raízes e seu mundo familiar.

Recordo a primeira vez em que estivemos num Conselho de Entidades (reunião dos Centros Acadêmicos), do Diretório Central dos Estudantes (DCE), ocorrida na Casa Amarela, na avenida da Universidade. O Conselho estava reunido para decidir a eleição do DCE, visto que a votação nas urnas havia dado empate. A chapa da situação que concorria ao DCE, “Universidade Agora”, ligada ao PCdoB, obteve a maioria dos votos no conselho; e a chapa de oposição, formada pelos companheiros da “Juventude Avançando”, que apoiamos, perdeu. Mas houve um detalhe que marcou esse

episódio, uma fraude que Assis sempre recordava, com sua ironia característica e sua risada inconfundível. Troçava do fato que causou o empate nas urnas: um companheiro simpatizante da chapa “Universidade Agora” teria engolido um voto da nossa chapa (na época, os votos eram em pequenas cédulas de papel).

Neste período, Assis intensificou sua militância política no Movimento Estudantil. Participou ativamente no Centro Acadêmico de Engenharia Civil e apoiou a eleição e a gestão da chapa “Estudantes em Luta”, à frente do DCE no biênio 1986-87. Na eleição seguinte, construímos a chapa vencedora “Quebrando Amarras”, biênio 1987-88, da qual Assis Filho era presidente. Em seguida, no biênio 1988-90, constituímos a chapa “Levante a Voz e Lute”, também vitoriosa, pela qual tive a honra de suceder ao Assis Filho na presidência do DCE.

Neste período já éramos militantes do Coletivo Gregório Bezerra (CGB), e logo integramos, Assis e eu (dentre outros), a direção estadual da organização. O CGB era uma organização de âmbito nacional, com orientação socialista, que se propunha a organizar os trabalhadores e o povo brasileiro em ampla frente social e política, para derrotar o poder dos monopólios do capital financeiro, do latifúndio e do imperialismo e construir o poder popular. Colocar a riqueza nacional e as fontes da vida a serviço de um país livre do subdesenvolvimento, da miséria material e do obscurantismo cultural era o objetivo estratégico do CGB.

No período das eleições presidenciais de 1989, o coletivo enfrentou um duro debate interno sobre o apoio ou não ao candidato Lula no pleito daquele ano. A organização sofreu um rompimento interno, Assis Filho afastou-se do

movimento estudantil e da atividade política orgânica para dedicar-se aos estudos e à conclusão do seu curso de Engenharia Civil.

Desde então, dedicou-se à sua profissão acadêmica, com posição clara a favor dos mais sacrificados, o povo que precisava de água no Ceará.

Acompanhei, com orgulho, através de notícias esparsas e, depois, através das redes sociais, a atuação de Assis Filho nos grandes eventos científicos pelo mundo, proferindo palestras, estudando e apresentando soluções para a escassez de água.

Neste período, ele frequentou palácios do Ceará e de Brasília, mas nunca se resignou na sua luta diária, buscando recursos e conhecimento para realmente conseguir efetivar o acesso à água, além de estudos climáticos que “previam” catástrofes chuvosas no nosso país.

Tudo isto, sem perder suas características mais honráveis de homem bom, justo, honesto, generoso, comprometido com a verdade, e com os mais atingidos pelo sistema capitalista, sem apego a fortunas e avesso à acumulação de riqueza material.

Retomamos nosso convívio presencial em fevereiro de 2020, em São Paulo. Eu acompanhava minha filha Sofia que iria iniciar seus estudos universitários na USP e ele estava com sua querida Leila, iniciando tratamento contra o câncer que tinha acabado de lhe ter sido diagnosticado. Tenho o encontro gravado em minha memória: parecia que haviam se passado só trinta dias e não trinta anos. Nossas conversas foram se desenrolando de forma tão natural e amigável, conversa de camaradas que se reencontram e falam da vida como se décadas de ausência não tivessem existido e soubessem

que a verdade dos seres que fomos na juventude fosse ainda sua verdade mais forte. Era como se o Assis tivesse acompanhado de perto nossas vidas e nós, a dele. O humor não lhe faltava e chegou até mesmo a dar conselhos para a vida universitária de minha filha, mas, no momento seguinte, ele solta a seguinte pérola: “Você, sendo filha da sua mãe, sei que não vai seguir tudo que eu lhe disse” e sorriu, matreiramente.

Desde então, de Goiânia, onde eu vivia, continuei acompanhando, preocupada e esperançosa, sua luta incansável contra a doença.

Em 2023, voltei a morar em Fortaleza, quando tive a oportunidade de realizar com ele um seminário e montar uma exposição sobre o Movimento Estudantil e os problemas conjunturais do Ceará e do Brasil, por encomenda do atual reitor da UFC, professor Custódio Almeida, nosso contemporâneo de Movimento Estudantil.

Foi gratificante nosso reencontro: voltando a conviver com as ideias instigantes de Assis, trabalhamos conjuntamente e passei a admirá-lo cada vez mais pela força e determinação em vencer o câncer. Ele tinha seu jeito próprio de enfrentar as agruras, de forma admirável e firme, sem se vitimizar nem maldizer a vida.

Assis nos ensinou que existe amizade sincera, inteligência pulsante, esperança no futuro, companheirismo e generosidade. Quando as luzes da dignidade e das utopias começam a fraquejar, o companheiro e camarada da universidade e doutor Assis Filho nos mostrou como o exemplo de uma vida faz toda a diferença.

E deixou uma saudade danada!

POSFÁCIO

**A CÁTEDRA E O SERTÃO – O MESTRE ASSIS
EM CORDEL**

PAOLA TÔRRES

Lá no sertão do Pompeu,
terra quente e generosa,
nasceu um menino atento
com uma verve estudiosa.
Desde cedo, via em tudo
a ciência mais formosa.

Viu retirante sofrido
nos caminhos da estação,
viu o rio transbordando
de mágoa e inundação.
E seu olhar de menino
já traçava uma missão.

Fernado Pessoa e Cruz
de Souza era o que se lia
O saber morava em casa,
brotava com poesia.
E a fome de conhecer
virou luz que se expandia.

Na casa do seu avô,
na rua de chão batido,
viu o mundo se abrindo
com silêncio comovido.
E o saber brotou ali
feito rio bem-nascido

Veio a seca de setenta,
ano seco e castigante.
Mas da dor nasceu a fé
de um futuro mais vibrante.
Fez do chão que lhe faltava
sua base mais constante.

Em Fortaleza estudou,
subindo mais um degrau.
General Osório foi
seu caminho natural.
Brilhou no ensino médio,
com talento sem igual.

A UFC foi o berço
do engenheiro em construção.
Nas contas e nos debates,
pôs saber e coração.
Foi no cálculo que cresceu
com firmeza e precisão.

Não foi só da engenharia
que bebeu conhecimento.
Leu política, leu ciência,
mergulhou no pensamento.
Fez do DCE seu campo
de esperança e argumento.

Com paixão pela justiça
e fé na universidade,
foi forjando sua estrada
com saber e liberdade.
Fez da luta estudantil
um ofício de verdade.

Foi às ruas, discursou,
nas assembleias brilhou.
Falou firme e com coragem,
ao saber sempre escutou.
E do palco da palavra
nunca mais se afastou.

Mestrado, fez em São Carlos
com suor e com clareza.
Na água viu seu destino,
na pesquisa, a fortaleza.
E seu nome foi crescendo
na ciência, com firmeza.

No doutorado avançou
em São Paulo, com ousadia.
Rubem Porto lhe guiava
com razão e poesia.
Fez do rio sua metáfora,
fez da seca a geografia.

Passou pela Funceme,
pela SRH também.
Foi na Cogerh que plantou
o saber que tanto tem.
E com gestão competente
deixou rastros para além.

Na ABRH foi presença
de coragem e de ação.
Fez da água seu discurso,
da escuta, seu refrão.
Um capitão dos debates
na ciência e na gestão.

Foi pra Columbia aprender
sobre clima e sobre gente.
Lá no IRI se expandiu
com saber inteligente.
Trouxe na mala a certeza
de um Brasil resiliente.

Quando voltou, já sabia:
o destino era ensinar.
Na UFC, como mestre,
começou a semear.
E os alunos do engenheiro
viam o saber brotar.

Saiu da sala de aula
não ficou na teoria.
Fez extensão, fez projeto,
misturou-se à geografia.
E no GRC mostrou
como a ciência alumia.

Coordenou curso e pesquisa,
com ética e competência.
Com a água por compromisso
e o futuro por urgência,
mostrou que o professor
também sonha com decência.

Com os colegas construiu
amizade e parceria.
Bernadete, Ticiania,
foram luz no dia a dia.
E com Iran e Renata
fez da UFC poesia.

Na Capes deixou legado,
no CNPq, missão.
Propôs rumos, dialogou
com rigor e intuição.
Fez da crítica um convite,
do saber, contribuição.

Recebeu honrarias
de valor e de respeito.
Mas o maior dos seus prêmios
é manter o olhar direito.
Ser professor, ser exemplo,
e ter paz dentro do peito.

Na gestão pública aprendeu
o que o livro não ensina.
Que a escuta vale ouro
e a palavra se afina
quando feita com cuidado
como reza a disciplina.

Na Funcap foi cientista
com visão e com coragem.
No Cepas, foi timoneiro
de uma nova engrenagem.
Pensou política de água
como quem pensa em paisagem.

Não foi só o Ceará,
viu o mundo em movimento.
Em Harvard levou o chão
do sertão como argumento.
Fez do semiárido vivo
um saber em crescimento.

Aprendeu com o silêncio
das veredas do sertão.
Fez da escuta uma ponte
entre o saber e o chão.
Cada fala era semente
germinando em decisão.

Fez do ensino um compromisso
com cuidado e inclusão.
Viu no aluno a centelha
de mudança e formação.
E mostrou que a docência
é semente em construção.

No cordel que agora segue,
há respeito e gratidão.
Pois quem vive pela água
dá de si, dá vocação.
E Francisco de Assis
é rio em transmutação.

É o Banabuiú que canta
em sua biografia.
É o Ceará que agradece
essa bela travessia.
É a UFC que se orgulha
da sua sabedoria.

Cada tese, cada aula,
cada artigo ou parecer
é semente que ele lança
pra outro fruto nascer.
É um mestre que caminha
fazendo o saber crescer.

Professor Assis é mestre
No ofício de ensinar.
No papel tem grande nome,
mas prefere iluminar.
Na sala, planta saber
como quem sabe regar.

Hoje o título lhe é dado
com justiça e emoção.
Ser Professor Titular,
ressalta a sua missão
e um saber que não se curva
diante da omissão.

Que a UFC lhe celebre
com respeito e com louvor.
Que os rios que você abriu
corram sempre com vigor.
E o saber que semeou
viva em cada professor.

Este livro foi composto em Garamond 12.



Editora da Universidade Federal do Ceará – UFC
Av. da Universidade, 2932 – Benfica
Fone: (85) 9915-7062
CEP: 60020-181 – Fortaleza – Ceará – Brasil
editora.ufc.br

“ A crescente incerteza climática, os conflitos pelo uso da água e a complexidade dos sistemas hidrossociais demandam novas abordagens que transcendam os modelos tradicionais de gestão. Esse desafio científico propõe a construção de um arcabouço que articule a ciência pós-normal, que reconhece a incerteza estrutural e a pluralidade de saberes, com a gestão adaptativa, que privilegia a flexibilidade e o aprendizado contínuo. Para isso, será necessário desenvolver novas metodologias de modelagem sociohidrológica da incerteza, aprimorar os mecanismos de cenarização participativa e experimentação regulatória e criar ferramentas de suporte à decisão que incorporem inteligência artificial e aprendizado de máquina. Esse esforço científico, liderado pelo Cepas (Centro de Estudos Estratégicos de Política de Águas e Secas), poderá redefinir a governança hídrica em contextos de alta incerteza, tornando-se referência não apenas para o Brasil, mas para regiões semiáridas em escala global.”

Francisco de Assis de Souza Filho



9 786587 371504